CRÍTICA GENÉTICA: DO MANUSCRITO AO VIRTUAL EM UMA ABORDAGEM PRÁTICA

ELEONORA CAMPOS TEIXEIRA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
DARCY RIBEIRO – UENF
CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
ABRIL – 2013

CRÍTICA GENÉTICA: DO MANUSCRITO AO VIRTUAL EM UMA ABORDAGEM PRÁTICA

ELEONORA CAMPOS TEIXEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

Orientador: Carlos Henrique Medeiros de Souza
Coorientador: Pedro Lyra

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
ABRIL – 2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca do **CCH / UENF** 22/2013

T266 Teixeira, Eleonora Campos.

Crítica genética : do manuscrito ao virtual em uma abordagem prática / Eleonora Campos Teixeira - Campos dos Goytacazes, RJ, 2013.
92 f. : il

Orientador: Carlos Henrique Medeiros de Souza.
Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2013.
Bibliografia: f. 69 - 72

1. Crítica Genética (Criação Literária). 2. Manuscrito Literário. 3. Literatural. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Centro de Ciências do Homem. II. Título.

CDD – 809

CRÍTICA GENÉTICA: DO MANUSCRITO AO VIRTUAL EM UMA ABORDAGEM PRÁTICA

ELEONORA CAMPOS TEIXEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

APROVADA EM: 10 de Abril de 2013

BANCA EXAMINADORA:

Prof.ª Drª Fernanda Castro Manhães (D. Sc. Ciências da Educação-UAA)
Faculdade Metropolitana São Carlos – FAMESC

Prof. Dr. Joel Ferreira Mello (D. Sc. Letras - PUC/RJ)
Centro Universitário Fluminense – UNIFLU: Campus de Filosofia

Prof. Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza (D. Sc. Comunicação – UFRJ)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF
(Orientador)

Prof. Dr. Pedro Lyra (D. Sc. Letras – UFRJ)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF
(Coorientador)

À minha mãezinha Tereza, que sempre acreditou em mim, esteve ao meu lado fazendo de tudo para que eu realizasse meus sonhos, mas que o Alzheimer impediu de presenciar com lucidez a realização de mais essa minha conquista.

AGRADECIMENTOS:

Estes dois anos em que me propus a desenvolver esta pesquisa foram anos difíceis, os desafios foram muitos, a caminhada, cheia de tudo que compõe o amadurecimento. Neste caso, preciso agradecer primeiramente a Deus pelos momentos de inspiração, por permitir que eu pudesse ter a benção de conhecer pessoas tão especiais e pelo tudo que pude aprender...

Meu agradecimento especial à minha família, meu marido Alcione e meus filhos Thiago, Lucas e Ivan, que seguramente são os que mais compartilham da minha alegria, por compreenderem os momentos de ausência, por sempre me acolherem com um carinho e um beijo reconfortante nos momentos em que eu julgava não conseguir.

Aos meus pais, pelo amor e incentivo que me ensinaram a vencer os obstáculos que surgissem com dignidade e sem medo...

Aos meus irmãos, que senti junto a mim sempre com apoio incondicional, mesmo quando distantes...

A todos os amigos que vibravam com minhas conquistas.

Manifesto aqui a minha gratidão a todos os professores e funcionários da Universidade Estadual do Norte Fluminense. E aos colegas do programa, em especial a Marco Antônio Coelho, Karla Shimoda, Karine Lôbo Castelano, pelo apoio incessante, a troca constante que permitiram a caminhada.

Ao professor e amigo Carlos Henrique que me aceitou como orientanda quando resolvi mudar um pouco os rumos de minha pesquisa. Palavra alguma será suficiente para expressar a minha gratidão...

Ao meu amigo e poeta querido Pedro Lyra, pela imensa honra de ter permitido que eu realizasse estudos críticos de seu texto. Pelos valorosos ensinamentos, preciosos conselhos e inestimável confiança.

À Secretaria de Educação de Quissamã e Secretaria Estadual de Educação pelas licenças concedidas para que eu tivesse um tempo maior para dedicar à minha pesquisa.

À FAPERJ pela concessão de bolsa de estudos que muito me ajudou a ir à busca do conhecimento.

Meus respeitosos agradecimentos à banca examinadora de defesa Joel Ferreira Mello, Fernanda Castro Manhães. Não sei o que teria feito sem os conselhos de vocês.

Mais uma etapa foi vencida, porém sei que será apenas o começo de outras que virão.

“Sou virginiano, perfeccionista, não admito desordem, não admito laudas rabiscadas. Então escrevo rabisco manualmente, escrevo por cima, fica quase incompreensível o original; ai passo a limpo, leio de novo, se houver uma manchinha qualquer, uma rasura, torno a passar a limpo. É realmente exaustivo, é trabalho braçal mesmo. Não sei se o computador facilitaria isso, acho que teria muito medo de um computador, sempre penso que o contato da pele, da carne, do suor do escritor com o papel é muito importante. ”

CAIO FERNANDO ABREU

Resumo

Esta dissertação tem como foco a Crítica Genética, que consiste na análise da origem e das transformações de uma obra literária. A problemática principal é: que consequências podem ser percebidas nos estudos de crítica genética, em face da redução da prática manuscrita, após o aumento do uso do computador na pós-modernidade? Destaca-se nesta pesquisa a importância dos rascunhos, das rasuras e emendas que serão vistas como formas de lapidação de um texto. Buscou-se fazer uma pesquisa meticulosa de como surgiram os estudos de Crítica Genética na Europa e seu desenvolvimento pelo Brasil. Foi realizada a crítica ao soneto *Nossa Aventura*, do poeta *Pedro Lyra*, sob as óticas estilística, psicanalítica e filológica. Autores como SALLES (2002) e WILLEMART (2005) serão aqui mencionados como um suporte teórico, na medida em que elucidam traçados seguidos com o intuito de desvendar, conhecer este estudo genético.

Palavras-chave: Crítica Genética; manuscrito; rascunhos; rasura; era virtual.

Abstract

This dissertation focuses on the Critical Genetics, which consists of the analysis of the origin and transformations of a literary work. The main issue is: what consequences can be seen in studies of genetic criticism in the face of the handwriting practice being reduced, after the increase of the computer usage in postmodernity? Has as emphasis in this research the importance of drafts, erasures or amendments that will be seen as forms of stoning of a text. We tried to do a thorough search of how the studies of genetic criticism emerged in Europe and its development in Brazil. Was performed a critique of the sonnet *Nossa Aventura*, of the poet *Pedro Lyra*, under the stylistic, philological and psychotherapy optics. Authors such as SALES (2002) and WILLEMART (2005) will be mentioned here as a theoretical basis, to the extent that elucidate paths followed in order to unravel this known genetic study.

Keywords: Critical Genetics; manuscript; drafts; erasure; virtual era.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem de Palimpsesto.....20

Figura 2 -*"sous-vèrre" (anverso)*.....33

Figura 3 - *"sous-vèrre" (verso)*.....34

Figura 4 - *Print* de comentário do poeta Pedro Lyra na rede social *facebook*.....35

Figura 5 - *Print* de trabalho de tradução manuscrito realizado por alunos na França.....36

Figura 6 - Publicação do soneto *Nossa Aventura* em *Ideações*.....44

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

CG – Crítica Genética

D – Digitação

FAMESC – Faculdade Metropolitana São Carlos

M – Manuscrito

P – Publicação

T – Transcrição

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... 13

1. Da rasura à virtualização da obra 16

1.1 A necessidade do homem em se comunicar, o início... 19
1.2 As várias formas de linguagem..... 20
1.3 E-mail e manuscrito nas relações afetivas..... 21

2 – Histórico e Multidisciplinaridades Genéticas 24

2.1 – Camadas do manuscrito: Pensamento em movimento..... 26

3 - METODOLOGIA 31

4 – Documentos de Processo 33

4.1 As razões da escolha..... 38
4.2 – A gênese de um poema..... 39
4.3 - A estrutura do soneto 41
4.4 - “Nossa aventura”, verso por verso..... 43
4.5 - Quadro de Emendas..... 58

5 – Análise das entrevistas..... 63

CONSIDERAÇÕES FINAIS 66

REFERÊNCIAS..... 69

ANEXOS 73

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho pretende fazer um meticuloso estudo de crítica genética, além de discutir o futuro desta vertente crítica ameaçada pelo crescente uso dos meios virtuais à luz das principais teorias que tratam deste importante tema.

A Crítica Genética é uma prática cientifica que talvez corra o risco de sofrer alterações nas bases de seus estudos, que são os manuscritos, já que estes têm sido pouco usados por escritores.

O cerne do trabalho é a análise de “Nossa aventura – Soneto de Constatação-VII”, do poeta Pedro Lyra, do livro *Desafio – Uma poética do amor*, publicado em 1ª edição por Tempo Brasileiro em 1991 e em 2ª e 3ª pela editora da UFC em convênio com a Topbooks, em 2001 e 2002, pela inclusão do livro na relação de obras para o seu exame vestibular entre 2001 e 2003. O soneto será analisado sob o olhar estilístico, além da Psicanálise e da Semiótica, e um pouco da Hermenêutica.

Fazer Crítica Genética consiste na apreciação de uma obra em seu processo criador. A sua função primordial é acompanhar a evolução do texto, registrar as suas transformações, do primeiro esboço até à última versão. Analisamos manuscritos, rasuras, publicações e emendas, detalhadamente, pois estes são os objetos mais importantes de estudo do geneticista, que tem o objetivo de abarcar todo o percurso da construção de um texto.

A redução da prática manuscrita, com o aumento do uso do computador na pós-modernidade, pode ter como consequência imediata a redução da crítica genética, pela restrição do seu material próprio de trabalho. O crescente uso desse recurso tecnológico, até mesmo na sala de aula, faz com que o indivíduo perca o hábito de escrever à mão. Particularmente entre as novas gerações que talvez nem venham mais a adotar a prática manuscrita, escrevendo direto num monitor. A rapidez da comunicação virtual favorece o uso permanente do computador, algumas vezes o único meio de expressão e comunicação utilizado pela maioria das pessoas.

Acredita-se que a falta de incentivo à leitura de uma forma geral leva à falta do hábito e consequentemente à desvalorização do contato com o livro impresso. Além disso, e mais grave que tudo, o despreparo do pessoal, na preservação e na utilização dos rascunhos como registro dos processos de construção de uma obra, leva à inutilização de documentos do processo.

Tudo isso pode contribuir para o fim da crítica genética, mas apenas para textos contemporâneos, o que por outro lado pode vir a produzir um efeito benéfico sobre os manuscritos do passado, conduzindo a um cuidado maior com eles, e até a uma supervalorização dos até hoje preservados. Afinal, qualquer profissional do campo literário jamais ficaria indiferente a um manuscrito de um Castro Alves ou deixaria de encará-lo com reverência.

Na pesquisa de campo realizada, foi possível identificar aspectos que sinalizam, através da percepção de escritores, o destino dos estudos de crítica genética, dos livros impressos e dos manuscritos com o uso do computador como uma das mais utilizadas ferramentas atuais de aquisição de conhecimento em substituição à leitura de livros impressos.

Busca-se identificar as causas deste fenômeno, avaliar o desenvolvimento dos estudos de crítica genética ao longo do tempo na Europa e no Brasil e a mudança sofrida do termo *manuscritos* para *documentos de processo,* encarando os estudos genéticos de forma interdisciplinar, sob o olhar da psicanálise, da semiótica e da filologia.

*** Problema**

- ✓ Que consequências podem ser percebidas nos estudos de Crítica Genética, em face da redução da prática manuscrita, com o aumento do uso do computador na pós-modernidade?

*** Hipótese**

- ✓ O aumento do uso do computador possibilitará que os estudos de Crítica Genética sofram alterações no que diz respeito à sua base de estudos: manuscritos.

*** Objetivos**

Objetivo Geral

Desenvolver um estudo sobre a critica Genética nos aspectos práticos e a (re)adequação frente a evolução tecnológica midiáticas.

Objetivos Específicos

- ✓ Desenvolver uma abordagem histórica da Critica Genética e seus entornos;
- ✓ Realizar a Crítica Genética de um texto – o soneto *Nossa Aventura* do poeta *Pedro Lyra*.
- ✓ Identificar as consequências que podem ser percebidas nos estudos de crítica genética em face da redução da prática manuscrita, com o aumento do uso do computador na pós-modernidade na percepção de autores / escritores.

1. Da rasura à virtualização da obra

Os estudos de crítica genética (CG) surgiram na França em 1968 com Louis Hay e Almuth Grésillon, que faziam uma análise da obra do poeta alemão Heinrich Heine. No Brasil eles só surgiriam mais tarde, em 1985, com o I Colóquio de Crítica Textual: *O manuscrito moderno,* de Philippe Willemart. Um percurso pela história nos mostra que muitos pensadores exerceram a crítica genética sem saber, quando faziam relevantes estudos sobre a natureza de uma obra. Segundo Willemart (2005, p.17), os estudos de CG, até que conseguissem se impor, foram confundidos inúmeras vezes com outras ciências e considerados marginal.

> A crítica genética, no sentido restrito da palavra, é profundamente marginal por três razões: a primeira, sociológica, leva-nos a constatar que, até o presente, houve dificuldade para a crítica genética de se impor como disciplina ou como campo de estudo em crítica literária; a segunda razão, que se refere ao seu objeto, explica sem dúvida a primeira: a crítica genética se debruça sobre os rascunhos, os manuscritos, restos em suma, frequentemente pouco acessíveis e desprezados pela crítica tradicional, o que é preciso salientar; e enfim, a última razão, que nos permite brincar com mas palavras e localizar melhor ainda seu objeto, pois, literalmente, a crítica genética trabalha sobre e leva em conta as margens e não necessariamente o conteúdo central do fólio.

Ao analisarmos o processo evolutivo dos estudos genéticos, vemos como é fascinante o inusitado caminho percorrido por alguém que tenta conhecer integralmente uma obra desde a primeira rasura. Junto a esse interesse, enfrentamos a questão da preservação das obras literárias, do esforço dos escritores em fazer obra imortal, e nada torna uma obra mais viva do que estudar sua origem, seus percursos e percalços até a publicação e, algumas vezes, ou senão na maioria das vezes, em nosso século, a sua divulgação por meio virtual. O conhecimento dos resultados é indescritível, porém o estudo do processo de realização da obra tem sempre primazia. O estudo literário passa a ser visto como o estudo do processo de gestação de uma obra.

A CG analisa a obra de um determinado autor, do manuscrito à sua versão definitiva. Através da análise de documentos preservados em museus, bibliotecas ou academias, ou vindos da mão do próprio autor, busca-se elucidar os caminhos trilhados até a conclusão da sua obra. (WILLEMART, 2005)

O material a que se tem acesso é composto de manuscritos, esboços ou transcrições, quando não estão legíveis. Trata-se de uma elaboração crítica de diversos documentos que compõem o processo criativo. O geneticista toma em suas mãos o material e começa a trilhar o caminho que o autor percorreu: suas pegadas, dúvidas, as substituições de termos, datas, lugares e tudo que participa da criação de uma obra literária. Afinal, parte significativa de uma obra poética começa na rasura, pois jamais um texto literário foi considerado pronto ou publicado na forma em que brotou exceto, os mini poemas e hoje os minicontos.

Analisando neste contexto, um dos fatores mais relevantes no trabalho do geneticista é a percepção. É como se passeássemos pela mente do escritor na tentativa de descobrir o que ele está dizendo a si mesmo no momento da criação. Seu principal papel é assumir a sua própria subjetividade e construir hipóteses para a trajetória da obra e do próprio autor. (WILLEMART, 2005)

Cada crítico possui a faculdade de analisar a obra do autor, fazendo uma apreciação minuciosa. A função primordial do crítico não é julgar: é analisar e interpretar. O julgamento está implícito. A crítica implica atitude de persuasão, esse é seu objetivo mais ambicioso.

Já Silva (2008), defende a ideia de que, mesmo que não haja na era digital manuscritos, rascunhos, cadernos de notas, a crítica genética sobreviveria, porque o verdadeiro objeto de estudo do geneticista é o processo de criação. Analisando a etimologia da palavra *genética*, temos por definição o *gene*, a origem, o princípio, o início, nascer de uma obra. A era digital apaga, *deleta*, substitui sem deixar traços do caminho percorrido, a não ser que o usuário tenha a preocupação de salvar sempre um novo arquivo, mantendo o anterior. Ainda assim o escritor estaria distante da pessoalidade que o texto escrito à mão oferece.

O pesquisador é um curioso, que viaja profundamente pelos caminhos mais difíceis na tentativa de conhecer profundamente a obra criticada, como afirma CALVINO:

> Essa reação, talvez, possa ser explicada porque, na verdade, o crítico passa a conviver com o ambiente do fazer artístico, cuja relevância os artistas sempre conheceram e reconheceram, na medida em que sabe que a arte não é só o produto considerado "acabado". Eles parecem ter plena consciência de que a obra consiste na cadeia infinita de agregação de ideias, ou seja, na série infinita de aproximações para atingi-la. (1990, p. 91)

Em suas conferências, Ítalo Calvino aborda primorosamente os seis atributos que asseguram a perenidade de uma obra literária, que seriam: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Destaca-se aqui que, Calvino morreu antes de escrever a última conferência, que trataria do atributo nomeado por ele de “consistência”. Segundo ele, essas conferências possibilitariam ao leitor vivenciar as várias sensações dentro da leitura feita. Calvino (1990) faz considerações relevantes sobre os elementos dos quais uma obra deveria ser composta. Pontos como a ferramenta linguística e a precisão da ideia possibilitariam uma maior cumplicidade da parte do leitor em relação à obra, fazendo com que ele vá desfazendo os nós invisíveis, penetrando sutilmente na atmosfera criadora do autor e percorrendo o caminho, juntos.

Em uma pesquisa realizada no final de 2012, foi possível localizar na internet vários escritores que já produzem suas obras diretamente nas páginas virtuais, e em redes sociais, dividindo assim com o público leitor a sua criação, possibilitando alguns comentários de forma interativa. A exemplo disso temos a escritora *Noga Sclar* que através de posts em seu blog (http://www.nogasklar.com.br/) lançou livro *O gozo de* Ulysses, para só então mais tarde publicá-lo na forma impressa. Porém esse texto já chega ao leitor acabado, pronto, sem gênese. Em contrapartida, o escritor tem a medida exata da repercussão da sua obra. É quase instantâneo, ele não precisa esperar sua obra ser publicada e seu leitor (tradicional ou novo) se manifestar de uma maneira mais demorada, para saber o impacto da obra escrita. O olhar crítico do público leitor é relevante, na medida em que ele participa instantaneamente da obra ainda em construção ou mesmo já acabada. A opinião deste leitor pode funcionar como uma rasura, o que sugere ao escritor uma releitura e, oportunamente, alguma alteração posterior. Porém não consiste em uma

análise, já que esta exige tempo e elaboração tão acurada quanto à própria criação do autor.

Foi realizada uma entrevista, que se encontra em anexo, com editoras de livros virtuais, com a pretensão de identificar como anda a publicação dos chamados *e-books,* e nessa oportunidade foi possível avaliar a quantidade de livros virtuais publicados em relação aos impressos.

Diferente do inventor, que cria um novo engenho e sabe que seu produto será acolhido por toda a humanidade, o escritor que se compraz em ver sua obra acolhida pelos outros lida com a imprevisibilidade: ele não sabe se ela, mesmo publicada, receberá a aprovação dos leitores, de um público que ele sonha permanente e universal.

1.1 A necessidade do homem em se comunicar, o início...

O homem, por sua imensa necessidade, através dos tempos, de expressar seu interior, acabou por criar novas formas de comunicação que, por conseguinte, foram responsáveis pela criação de novos implementos tecnológicos. A forma de armazenamento das informações adquiridas era através da escrita primitiva. Inicialmente, a necessidade de comunicar-se se deu através de desenhos gráficos pelas civilizações da mesopotâmia e pré-colombiana. A história mostra que o homem usou de vários recursos para se comunicar: gestos, pinturas, escrita nas pedras, peles de animais. Desde então, o homem sentiu a necessidade de registrar conhecimentos adquiridos, momentos prazerosos e de crise. (SOUZA, 2003)

Durante algum tempo, o palimpsesto, [1] que surgiu no século V antes de Cristo e se generalizou nos séculos VIII ao IX com a escassez de pergaminhos, desempenhou uma função importante ao permitir o registro de um novo texto. Esse recurso nos remete à ideia de uma conversa infinita, ao conceito de intertextualidade, possibilitando o diálogo entre textos.

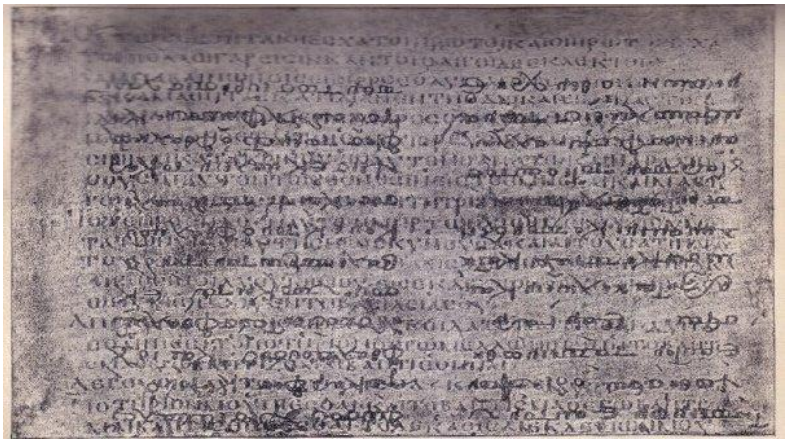


Figura 1 - Palimpsesto_http://sonhocomandavida.blogspot.com.br/2012/07/fedra-de-racine-um-palimpsesto.html - Acessado em 01/01/13

Souza (2003) destaca que cada nova tecnologia é uma forma de aprimoramento que o homem encontra para continuar esse processo de comunicação. Inicialmente, os desenhos nas cavernas tinham a finalidade de registros de informações para sua sobrevivência, ou mesmo tão somente lúdica. Mais tarde, poderíamos considerar como a origem das artes, notas estéticas, não mais apenas pragmáticas.

O processo de passagem do manuscrito registrado em pedras, peles, recebeu impulso com a imprensa de Gutenberg. A cada recurso tecnológico inventado, propiciou-se o acesso ao conhecimento. Assim as tecnologias foram surgindo, se aprimorando.

1.2 As várias formas de linguagem

O uso da comunicação pela Internet acabou por desenvolver a necessidade de uma linguagem própria, que satisfizesse o universo cibernético. A rapidez do que se quer dizer, assim como o fato de se comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo, possibilitou a criação de uma linguagem especifica que favorecesse os relacionamentos. Muitos veem essa linguagem ampla utilizada pelos usuários na Internet como uma das formas de comunicação existentes e que deve ser reconhecida como tal. Outros consideram tal linguagem um fator de empobrecimento da língua e da forma de comunicação. Não podemos deixar de enfatizar que a comunicação virtual é singular e faz parte de um grupo que criou sua linguagem própria. O

interlocutor lança mão de vários recursos linguísticos para convencer o outro do que se quer dizer. Na verdade esse tipo de linguagem é uma forma encontrada por um grupo, de interagir uns com os outros de um modo próprio. Porém devemos entender a Internet como parte dos fragmentos de um discurso, é uma forma de discurso, mas não tão somente um único caminho. (SOUZA, 2003)

A linguagem virtual toma emprestados vocábulos principalmente do inglês para dar vida a uma forma específica de comunicação. Como afirma Galli (2002, pg.3):

> O aparecimento de uma linguagem universal, no seu sentido amplo, é um dos aspectos mais importantes da globalização. Assim, o inglês acabou fixando-se nessa linguagem, envolvendo, também, a padronização das palavras e dos conceitos sociais.

Porém, não se deve esquecer que o uso permanente desse tipo de linguagem acaba por comprometer a escrita significativamente. Observa-se que até na graduação o aluno se habituou ao uso do *internetês*. A coisa ocorre tão naturalmente que muitos estudantes não conseguem estabelecer o momento apropriado para o uso dessa forma de comunicação. Eles a empregam em suas construções, além do uso de abreviações e expressões informais que são utilizadas como ferramentas todo o tempo no lugar de uma escrita cuidada.

1.3 E-mail e manuscrito nas relações afetivas

Ao se refletir sobre textos escritos à mão, reporta-se instantaneamente às cartas. Os amantes da escrita defendem veementemente as cartas manuscritas e não abrem mão delas. Nada poderia suprir aquele batimento acelerado que a abertura do envelope provoca. O aperto do coração de se imaginar que aquele envelope repousou sob a mão da pessoa amada. É seguramente nostálgico. Argumentam o quão prazeroso é esperar avidamente por uma carta. Esse prazer nos foi roubado.

Muitos argumentam que as cartas manuscritas usufruem de um privilégio que o e-mail não tem: temos a possibilidade de usar de artifícios que podem significar a presença do outro, já que muitas delas são perfumadas ou incluem figuras, cabelos, pétalas... O olfato é um sentido fundamental para que, através dele, seja possível se sentir mais pertos de alguém que se ama. A carta é mais sensorial e objetos pessoais também compõem a presença efetiva do outro. O tempo gasto para a escrita de uma carta também seria algo comovente, na tentativa de se imaginar quantos papéis foram rasgados até que fossem encontradas as palavras certas, a medida exata que provocasse os sentimentos mais profundos.

Outros optam pelo avanço tecnológico e não conseguem, de forma alguma, se imaginarem longe de um teclado e monitor. Não podemos esquecer que as vantagens das mensagens eletrônicas são muitas, a rapidez é uma delas, já que o processo pelo qual passamos para enviar um e-mail, por exemplo, é instantâneo. Num mundo onde o tempo é algo escasso e extremamente valorizado, temos que reconhecer a importância do contato eletrônico. Avaliando as situações de comunicação, é possível perceber o quanto a verdade é uma questão circunstancial, é a relatividade dos conceitos. Nada está fechado em si mesmo, haverá sempre outra possibilidade de enxergarmos uma situação, outro prisma.

Em se tratando das relações afetivas, não podemos definir em qual dos planos, manuscrito ou virtual, estaríamos protegidos. No espaço virtual, o mundo cibernético nos propiciaria um mundo criado e comprovado com fotos, montagens, como afirma Souza (2008, p.59):

> [...] Virtual é, portanto, a possibilidade de viajar por lugares nunca antes visitados através do ciberespaço, representando imagens que antes, sim, ficavam apenas no nível da suposição, das simulações construídas em nosso cérebro, sem concretização. Hoje, com a tecnologia virtual, podemos tornar real o que antes era apenas imaginável.

O fato de enxergarmos as palavras digitadas uma por uma, possibilita a impressão de estarmos efetivamente mais pertos de alguém. As *webcams* possibilitam a imagem do outro favorecendo o encantamento, selando o envolvimento. As canções anexadas às mensagens dão um toque todo especial e emociona quem as lê. Não podemos esquecer que, de certa forma,

acabamos por criar um mundo paralelo, onde a solidão é nossa companheira. Já que acabamos por nos acomodar num espaço que momentaneamente nos basta, como afirma Souza (2008, p.55):

> [...] Vivemos, como já expusemos acima, um mundo permeado por conflitos, angústias, medos, e todos esses fatores somados levam-nos a um recuo da vida em sociedade e conseqüente mente a uma procura pela solidão, forma segura e única, pensamos, de sobrevivência. Não é surpreendente que vivamos, na esteira desse processo, relações virtuais, se assim pudermos chamá-las, que nos mantenham seguros e ao mesmo tempo não nos excluam totalmente do mundo e das pessoas.

É comum observarmos pessoas em restaurantes, elevadores, *shopping Centers*, consultando seus celulares e, algumas vezes, de minuto a minuto, checando se receberam mensagens ou atualizações de suas redes sociais. É uma solidão coletiva que aparentemente faz com que muitos esqueçam a importância do convívio pessoal, do bate-papo *cara a cara*, da presença nas relações.

2 – **Histórico e Multidisciplinaridades Genéticas**

A partir de meados dos anos 90, cresceu muito o interesse pelos estudos de crítica genética, então um momento interdisciplinar, quando algumas ciências abordaram a questão da genética com propriedade. Pesquisadores se dedicaram efetivamente ao estudo da crítica genética, uma prática cientifica que está estritamente ligada a diversas áreas como a Linguística, a Psicanálise, a Semiótica e a Análise do discurso. É a transdisciplinaridade com a diversidade de teorias que possibilita o conhecimento dos múltiplos ângulos da criação literária.

Esse trabalho exige muita dedicação e disciplina. Trilhar um caminho repleto de esboços, rasuras, metamorfoses é muito complexo e exige atenção e percepção minuciosas. Às vezes o geneticista assemelha-se a um arqueólogo ou historiador, quando busca, na genética, a origem da ideia, o surgimento do pensamento e da expressão para a execução da obra. É magnífico pensar que o pesquisador detém nas mãos um material, algumas vezes de um autor morto, e vai escavando, buscando, descobrindo, pesquisando suas raízes. Embora a obra seja perene e transcenda os limites de vida do autor, ocorre algumas vezes à impossibilidade da verificação da veracidade da análise hermenêutica de alguma parte do texto, quando o autor não mais existe.

2.1 Crítica Genética e Filologia

Embora SALLES (1992, p.9) e outros autores utilizem o sintagma *ciência nova,* para os estudos de crítica genética, pesquisas recentes mostram que se fazia CG nos séculos IV e V antes de Cristo, quando filólogos como Aristófanes faziam um estudo meticuloso, detalhado e crítico dos textos do mais famoso poeta da Grécia antiga: Homero. Constava de comentários, emendas, problemas gramaticais, tudo com o objetivo de restaurar, tornar legível, explicar os textos para que as gerações da época e as futuras dispusessem de um texto fidedigno.

O filólogo decifra, constata a estabilidade do texto original, a instabilidade do texto copiado, nota as variantes de um texto para outro, faz a comparação e a reconstrução do texto original de acordo com as escolhas das melhores variantes. É o pensamento em movimento, é a estabilidade instruída, percebida e trabalhada, tornando-se a instabilidade que gerará a pesquisa, a busca do conhecimento, o conceito formado da ideia. Isso representa um desvio propriamente dito em relação a um original. Para a filologia, a variante representa uma falha, enquanto o geneticista vê a variante como um enriquecimento do texto, um caminho percorrido para chegar ao texto final, ideal. Se formos nos remeter aos manuscritos antigos, nos reportaremos aos copistas, que usavam de outro domínio da escrita, o da difusão pública, até que chegassem à forma impressa. Desse modo, muitos documentos copiados perderam sua autoria, a identificação de quem os produziu, enquanto que, para os estudos e análises dos manuscritos modernos, é a preservação que justifica o estudo desta ciência. (SALLES, 1992)

Quanto ao uso do meio digital para estudos da CG, pode ser considerado um tanto impessoal. É evidente que o computador se estabeleceu como um facilitador nas nossas vidas; porém, em se tratando das análises de um geneticista, o percurso do caminho da criação *online* parece impessoal. Quando trabalhamos com o manuscrito, podemos perceber detalhes na grafia que computador algum poderia reproduzir. A escrita apressada em função do registro da ideia é algo que só a visão humana é capaz de captar. Alguns estudiosos acreditam que os estudos grafológicos, apesar de considerados pseudocientíficos, podem desvendar um pouco da personalidade do escritor. A rasura sobre a rasura em um mesmo texto é algo que os meios digitais não poderiam acompanhar. As rasuras, os desenhos, as anotações de rodapé jamais serão expostas de forma tão clara a exprimir o pensamento como aquele vindo do punho do autor. É como se pudéssemos sentir quase a presença do escritor, é como se pudéssemos tocá-lo, tocando em sua grafia, na folha que passou por suas mãos, suas incertezas, hesitações. O amarelado do papel dá a uma obra uma temporalidade e quase nos reporta àquele sagrado momento da primeira ideia, do surgimento. (TEIXEIRA, 2012, p.11)

O escritor gaúcho Altair Martins, em entrevista a Silva (2010, p. 46), anexada ao artigo “Crítica Genética na era digital: o processo continua”, comenta:

> [...] Como já disse, principiei escrevendo à mão, processo que ainda uso, embora pareça paradoxal para quem pertence à geração que viu popularizar o computador. O texto, contudo, começa a ser produzido muito antes, sob forma de ideias e anotações ou de rascunhos. Estabeleço etapas distintas de produção, visivelmente demarcadas: na primeira, que ocorre até a produção e posteriores leituras do manuscrito, o mais importante é o trabalho do escritor – o escritor que lê os elementos e indícios à sua disposição, ao qual cabe aplicar recursos e estabelecer escolhas. É o escritor que busca o leitor ideal – um conjunto de leitores possíveis, no meu caso. Por isso, busco a complexa imagem dos possíveis leitores, tentando alcançar diversos níveis de leitura sem que o texto se abra demais sob o risco de “entregar-se” à banalidade, ou se feche a um número restrito, sob o perigo ainda de se tornar o texto de um único leitor – aquele que escreve.

A escrita de próprio punho indica os estilos, até mesmo as pausas de raciocínio do escritor. As palavras ou desenhos feitos à margem da folha parecem falar pelo escritor como uma manifestação da origem da ideia.

2.1 – **Camadas do manuscrito: Pensamento em movimento**

A crítica genética a e psicanálise, semiótica e hermenêutica.

Algumas vezes o geneticista age à revelia do escritor, porém na trajetória de sua análise acaba por agir conjuntamente. Aqui será desenvolvido um trabalho crítico ao olhar da estilística, da psicanálise, da semiótica e da hermenêutica. Da inspiração à escrita, desenvolve-se um processo semiótico. A ideia pode ser desencadeada por qualquer um dos sentidos, um aroma, uma imagem. Todo o processo pelo qual o autor passa na desenvoltura do seu trabalho passou pelo processo dos sentidos, em algum momento a ideia brotou, foi percebida através dos seus sentidos e é transcrita, percorrendo desse modo um longo caminho até a sua *feitura*, sua consumação.

Toda análise semiótica de um texto, de uma obra, é baseada em uma lógica incerta, já que parte do olhar do crítico, da sua percepção. Podemos caracterizar esse processo como uma busca aventureira por um universo

desconhecido. Alguns críticos sentem certa dificuldade em identificar a gênese do texto criticado. Muitos dizem não saber se aquele manuscrito foi mesmo a origem do texto. Daí a importância do desenvolvimento deste trabalho, quando foi possível ter em mãos o primeiro manuscrito do soneto do poeta Pedro Lyra, fornecido pelo próprio autor, que apresentava rasuras significativas, riscos, anotações pessoais, alterações, substituições. O texto vinha impregnado com as marcas do autor. Sempre foi possível senti-lo presente nos documentos analisados.

As pesquisas aqui desenvolvidas caminham para uma singularidade do texto. Nenhum outro texto terá o mesmo caminhar, a mesma história sequencial dos acontecimentos que levaram à sua criação, o que torna singular o ato criador. A análise semiótica nos permite delinear um texto com suas especificidades. O geneticista assemelha-se a um artesão que vai descobrindo, entalhando, fazendo dos signos imagens visíveis conscientes ou inconscientes. Como afirma Salles (2002, p.191):

> A criação mostra-se como uma metamorfose contínua. É um percurso feito de formas em seu caráter provisório e precário porque hipotético. O percurso criador é um contínuo processo de transformação buscando a formatação da matéria de uma determinada maneira e com um determinado significado. Processo este que acontece no âmbito de um projeto estético e ético e cujo produto é uma realidade nova.

Parte se do principio que todo processo criativo é algo complexo, já que vai além da vontade do autor, na medida em que a composição só terá sentido se apreciada, lida. Um texto, uma obra, algumas vezes, leva um tempo considerável até que lhe cheguem às palavras certas, até que encontre a medida exata para a sua construção ser considerada pronta, o que nos possibilita analisar as fases dessa escritura. É neste caminho percorrido que se dá a busca pela perfeição, a busca por encontrar a expressão exata.

Toda essa preocupação do poeta se concentra em dois aspectos importantes: a satisfação pessoal, que seria a sua primeira necessidade, e a satisfação do leitor, que obterá um crescimento cultural. Afinal, uma das principais satisfações de um escritor, a sua felicidade plena, é ter seu trabalho reconhecido.

Nas várias reedições, o autor rasura o seu *feito,* procurando o aperfeiçoamento, porém talvez nunca encontre essa perfeição. E caso isso venha a acontecer, não haverá mais uma produção ocasional, já que em crítica genética um texto nunca é definitivo, antes da morte do autor. Ocorre, algumas vezes, certa dificuldade encontrada pelo autor em dizer o que realmente lhe ocorreu no momento da criação e o leitor, agora *proprietário* do texto, irá mostrar a sua versão e talvez não seja aquela pensada pelo autor.

Segundo Willemart, o escritor se deixa envolver pelas impressões e sensações que o mundo exterior e interior propõe e que afetará diretamente os seus escritos, levando-o a pulsão de construção do seu texto, se tornando, através da escritura, porta voz de si mesmo.

> Estimulado pela pulsão do olhar, **o escritor** observa e sente. Ele se deixa impressionar não ainda pela memória, mas pelo que percebe ao redor dele e nele, é a primeira etapa do esquema freudiano de 1896; a percepção envolve o olhar externo, e acrescento o olhar interno; é o início da partida desta faculdade de reflexão no sentido de re-flexo, ele se faz espelho do espaço que cerca o escritor e que o contém; ele se dispõe e se coloca a serviço dos impactos provocados pelos acontecimentos nele e fora dele. [1]

Outro fator relevante para o autor na construção de um texto, como afirma Teixeira (2012, p.491) é o momento em que vive. Oportunamente os momentos em que vivencia solidão, angústia e tristeza, podem ser e talvez sejam os mais propícios às criações significativas. Algumas vezes, é o sofrimento que impulsiona o escritor às mais belas obras. Ele vê nascer da dor seus pensamentos mais complexos. Na tentativa de se erguer, promove as mais belas criações.

Tantos signos desvendados fazem parte de um ajuntamento de emoções, algumas vezes inconscientes, que refletem em sua obra seus momentos, suas angústias.

---

[1] *Este trecho inédito, cedido pelo próprio autor, faz parte do primeiro capítulo intitulado* ***A roda da escritura e as pulsões****, de um livro que ainda está sendo escrito e que será publicado em 2014.*

Assim, o trabalho semântico é muito mais complexo que o linguístico. Segundo Salles (1998, p.28), *"A arte é resultado da insatisfação humana".*

Existem fatos, que caracterizam um autor, que só o geneticista percebe ao criticar uma obra. O leitor, em sua leitura lúdica, acrítica, não percebe muitas vezes alterações feitas pelo autor, estilos de escrita, opções por formas que mais agradam.

No desenvolvimento do trabalho crítico realizado em *Não verás país nenhum,* de Ignácio Loyola Brandão, Salles (2009, p. 6) comenta alguns procedimentos de escrita do autor:

> Em suas anotações, Loyola afirma que artigos são "desnecessários". Ele acredita que a supressão de artigos dá "melhor sonoridade e fluência" ao texto. "Estou cortando todos **um** que vejo pela frente, o **um** é desnecessário". Ou ainda "Esbarro em muitos **isso**, **esse**, **essa**. Que terrível". Diz, em outro momento, buscar "um estilo econômico, bastante simples e despojado". Loyola lutou por um *Não verás* enxuto, onde artigos e alguns pronomes, sendo desnecessários segundo seus critérios, deveriam ser eliminados. Vale lembrar que outras obras do autor, cujos processos de construção venho acompanhando, são alvo deste mesmo procedimento. (grifos da fonte)

Assim concluímos, conforme afirma Salles (2001, p.8), que a obra é permanentemente mutável. O autor possui a liberdade de movimentar seu texto, fazendo as alterações necessárias que expressem melhor suas ideias:

> É neste sentido que discutimos a verdade artística, que surge da própria trama da construção da obra e que, por estar inserida na continuidade do processo, não é absoluta nem final, mas sempre potencialmente mutável. Verdade que emerge da obra, sob o comando do grande projeto do artista.

Neste contexto podemos afirmar que fazer crítica genética, é como se o geneticista dialogasse com os sentimentos do autor. Isso possibilita, algumas vezes, despertar no estudioso um sentimento profundo que se transforma em admiração. Na medida em que acompanhamos o ato criador, pesquisamos,

busca-se conhecer a obra na essência, quase que por algum momento nos consideramos coautores, quando registramos o que o autor disse ou deixou subentendido. Embora não seja esse o papel do geneticista, isso se torna inevitável.

3 - METODOLOGIA

A pesquisa aqui desenvolvida tem um caráter documental, já que foi possível a partir de documentos de processo cedidos pelo autor do soneto criticado. Possui um caráter exploratório, na medida em que, a partir de um problema, envolve hipótese, buscando estimular à compreensão do processo de construção científico, possibilitando na busca pela literatura especializada a fundamentação teórica, já que envolve um levantamento bibliográfico.

Quanto ao procedimento, é considerada uma pesquisa experimental, na medida em que ocorre a prática da Crítica Genética em um texto específico, possibilitando a observação prática da ciência em questão: Crítica Genética.

Após pesquisas e estudos que possibilitassem embasamento teórico sobre a ciência em questão, buscou-se a realização de entrevistas com escritores literários, que puderam, dentro do seu conhecimento crítico, avaliar o futuro da Critica Genética em face do uso do computador na pós-modernidade , assim como uma possível alteração nos procedimentos , no que diz respeito aos documentos de processo para o estudo desta ciência.

Primeiramente buscou-se aprofundamento no conhecimento da CG a fim de distingui-la de outras ciências semelhantes. No intuito de praticar esse conhecimento, foi possível desenvolver um trabalho crítico tanto em crítica genética, como em hermenêutica. Depois, realizou-se uma entrevista com escritores estudiosos de crítica genética como o precursor da crítica genética no Brasil, Willemart, a escritora Silva, do poeta Lyra, além da impressão do escritor MARC, Pierre. A partir daí foi possível imaginar o percurso da CG na Europa e no Brasil e as modificações que sofrerá em face do uso do computador para construção de textos. É importante considerar que cada entrevistado respondeu, através de e-mail, perguntas que possibilitaram conhecer suas impressões a respeito do futuro da ciência em estudo além da preocupação com a possível substituição do livro impresso pelo livro virtual, os chamados *e-books*.

Em face das respostas dadas pelos escritores entrevistados, surgiu à ideia de construir um questionário que seria direcionado a livrarias virtuais, onde na oportunidade foi possível saber dos responsáveis pelos *e-books*, a

forma como os usuários veem a utilização dos livros impressos em face do uso intenso dos livros virtuais.

O texto selecionado para este estudo crítico baseou-se na apreciação do poema *Nossa Aventura* do poeta *Pedro Lyra*, já que se tratava de um dos mais publicados sonetos do autor e admirado por tantos escritores renomados. O trabalho crítico se deu a partir de material cedido pelo próprio autor que envolvia manuscritos, digitações, livros impressos, objetos pessoais, fotos e tudo que poderia envolver a construção do mesmo.

Foi possível perceber, nestes dois anos de pesquisa, após várias comunicações apresentadas em congressos, que o presente tema ainda possui um campo bastante restrito no Brasil. Considerada *ciência nova* por escritores renomados como Salles, muito embora seja objeto de estudo por vários pesquisadores em São Paulo, nota-se ainda um público-alvo limitado, talvez por ter chegado ao Brasil em 1985 e seja ainda pouco conhecida pelos leitores.

4 – **Documentos de Processo**

Com a evolução dos estudos e das práticas genéticas, todos os documentos e objetos que ajudaram na construção da crítica desenvolvida, que antes se intitulavam apenas como ***manuscritos***, passaram a se chamar ***documentos de processo***. (SALLES, 2008) O estudioso utiliza-se agora não tão somente de manuscritos, mas também de reedições, gravações, vídeos, de qualquer material que possibilite a exploração do texto a ser elucidado.

No caso do material para esta pesquisa de dissertação, lançou-se mão de manuscritos do grande poeta Pedro Lyra, que compreendia desde guardanapos a cartelas de bingos, além de maravilhosas anotações sobre seu estado de espírito, assim como cigarros consumidos e doses de uísque, vinho ou cerveja. Isso comprova o quão ligado à sua obra o autor está.

Como exemplo e demonstração disso, segue um dos objetos de que o poeta dispunha momentaneamente para registro de uma ideia, que ele me forneceu por e-mail para documentação, com a justificativa anexa, e assim passa a compor este trabalho. É um “sous-vèrre” de uma marca de cerveja, como ele explica, com indicação de local e data na frente e texto no anverso:

Figura 2 - *"sous-vèrre" (frente)*

Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012.

"sous-vèrre" ("sob o copo", um "suporte" - não sei bem se é assim que se escreve, mas deve ser) com um trecho para outro livro: o poema Jogo *(que não sei se lhe ofereci - então fico lhe devendo). E foi no apartamento de um poeta português amigo, em Paris, em junho de 1993.*
Está borrado (= rasurado!!!) pelo chope (ou pelo vinho), mas dá pra ler:

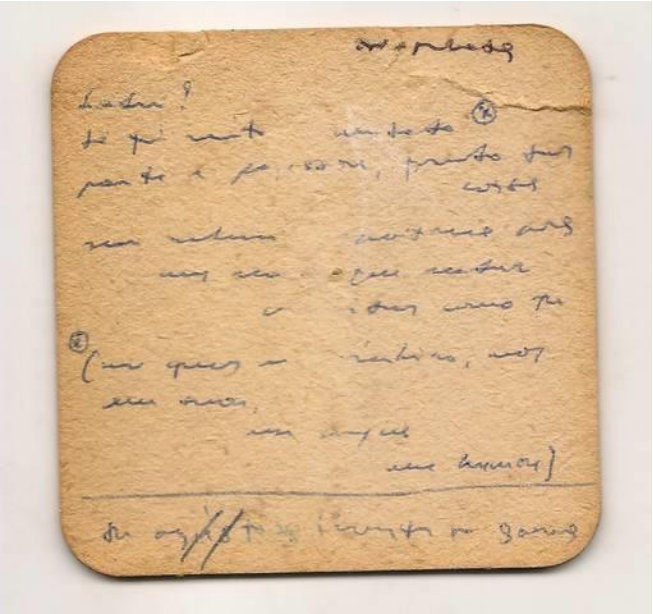


Figura 3 - *"sous-vèrre" (anverso)*
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012.

Transcrição:

Ladrão?
*Já fui muito [é] roubado,**
poeta e professor, fazendo duas coisas
sem nenhuma importância para um mundo que produz indivíduos como tu

** (não apenas em dinheiro, mas*
em suor
em sangue
em humor)

A escritura de seus poemas não se distancia da sua vida cotidiana, a inspiração pode surgir em qualquer momento do seu dia ou em qualquer lugar onde esteja. Sua motivação está presente nos momentos mais intensos e íntimos, como ele relata no depoimento sobre a gênese do livro (LYRA, 2002 p.316):

> Um dia – só para provocar a minha face mais frustrada: a do jogador que nunca fui – fui a um cassino, com uma bela garota alentejana. Inês – tinha que ser logo uma Inês, sendo eu um Pedro, e em Portugal! Fizemos um caixa único. De cara, bati um bingo: 200 dólares. Na mesma noite, larguei o apartamento pelo hotel onde ela estava hospedada. Dias depois, numa espetacular batida acumulada à bola 44, com as últimas cinco saindo em seguida, ela arrebatou um outro, em torno de US$ 1.000. Outras batidas e cravadas, ao longo de três meses – e ganhamos mais uns US$ 3.000. Compramos um carrinho – e aí foi um delírio além das órbitas. Apesar da mudança radical de situação, eu escrevia – entre um *full-hand*, um bingo, um *pass pair black*/28 e um beijo – algum outro soneto: o "Lavragem-VIII" foi escrito com o papel sobre o ventre dela.

Segundo o autor do poema em tela, isso ocorre porque um poeta escreve com a alma, ele está continuamente conectado à sua obra e respeita o momento da criação. O mais belo disso tudo é ver a obra nascendo e perceber que o autor não desobedece ao instinto criador. E esses objetos acabam se tornando preciosidades para ele.

Outro caso, para remate deste tópico, que ele relata em sua página na rede social *Facebook.* É um breve depoimento sobre um dos textos especiais para o poeta:

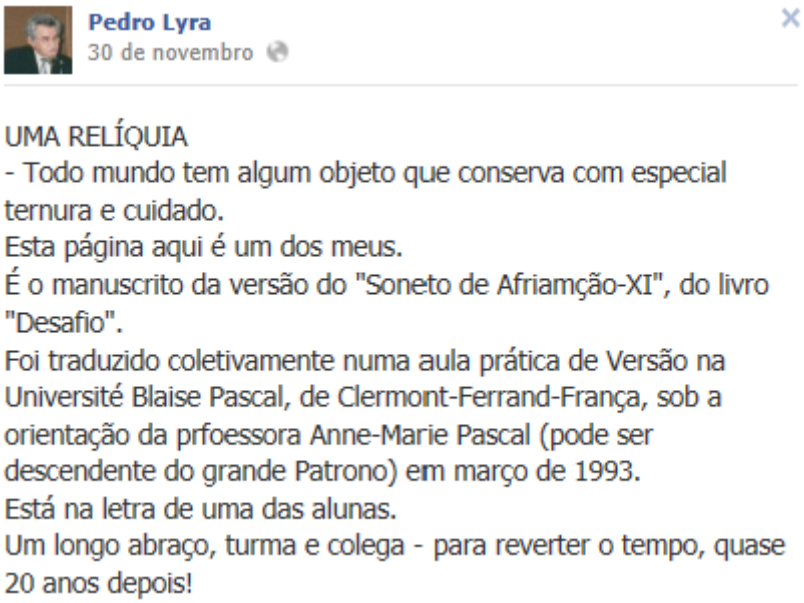
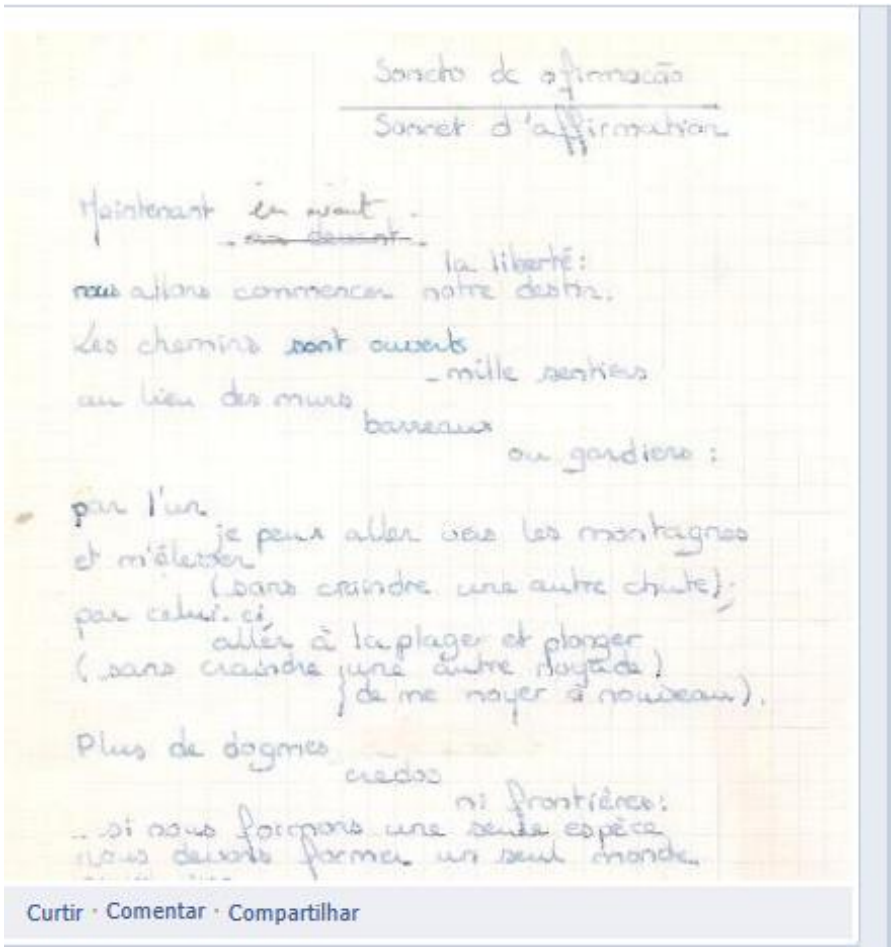


Figura 4 – Comentário do poeta Pedro Lyra na rede social *facebook*

Fonte: material acessado em 30/11/2012.

Eis o documento:


Soneto de afirmação

Sonnet d'affirmation

Maintenant en avant
~~en devant~~
la liberté:
nous allons commencer notre destin.
Les chemins sont ouverts
– mille sentiers
au lieu des murs
barreaux
ou gardiens:
pour l'un
je peux aller vers les montagnes
et m'élever
(sans craindre une autre chute);
pour celui-ci
aller à la plage et plonger
(sans craindre une autre noyade
de me noyer à nouveau).
Plus de dogmes
credos
ni frontières:
si nous formons une seule espèce
nous devons former un seul monde.

Curtir · Comentar · Compartilhar

Figura 5 – Print de trabalho de tradução manuscrito realizado por alunos na França
Fonte: material acessado em 30/11/2012.

E agora o texto, como aparece na antologia bilíngue *Vision de l´être,* publicada pela editora L´Harmattan de Paris, também em convênio com a Topbooks e a Secretaria de Cultura de Fortaleza, no ano 2000, p.173:

SONNET D'AFFIRMATION – XI

A présent
– en avant toute –
La liberté :
nous allons commencer notre destinée.

Les chemins son tou verts
– mille sentiers
au lieu des murs

des barreaux
ou des gardiens :
parl'un d'eux
je peux aller vers les montagnes
et m'élever (sans craindre une autre chute) ;
parcelui-ci
aller à laplage, et plonger
(sans avoir à craindre une autre no ya de).

Plus de dogmes
de credo
ni de frontières :
– si nous ne formons qu'uneseu le espèce
nous devons nous former en un seul monde
pour vivre
aimer
voler.

Et maintenant
que nous venons de faire un bond en avant
notre histoire, finalement, va commencer.

4.1 As razões da escolha

Na Introdução, antecipei dois motivos que me levaram à escolha deste soneto. Agora acrescento a razão principal para a escolha do autor. É porque o considero um dos maiores poetas da nossa literatura. Sobre o soneto em particular, ninguém se manifestou ainda. Mas muitos já se manifestaram sobre o poeta. Em todos os gêneros que pratica, como a épica, a lírica, a sátira e mesmo a poesia metafísica e a social, já foi equiparado por críticos e leitores a alguns dos maiores nomes da poesia universal.

Na poesia metafísica, pelo crítico e professor da Universidade de Lisboa Fernando Cristóvão, em resenha publicada na *Revista Brasileira,* da Academia Brasileira de Letras (nº 50. Rio, março de 2007), sobre o longo poema *Confronto – Um diálogo com Deus:*

> *Para melhor nos embrenharmos nesta pequena "selva obscura", como a de Dante a caminho do Paraíso...*

Na épica, pelo leitor Antonio Clailton Alves, em carta publicada no jornal *Rascunho* de Curitiba (nº 37. maio de 2003), sobre a série "Na era do terror" do livro *Argumento – Poemythos globais:*

> *...uma poesia tão poderosa quanto a de Camões.*

Na lírica, pela crítica, tradutora e professora da Sorbonne Anne-Marie Quint, na apresentação da antologia *Vision de l´être,* sobre o livro *Desafio – Uma poética do amor:*

> *Evidemment, on est loinaveclui des sonnets de Pétrarque.*

Na poesia social, por outra crítica e professora da Sorbonne, Catherine Dumas, tradutora do poeta, no prefácio a *Vision de l´être,* sobre o livro *Decisão – Poemas dialéticos:*

> *A l'instar de Maiakovski (...), le poète brésilien se propose de persuader son lecteur...*

Na sátira, pelo grande crítico Wilson Martins, em resenha publicada no jornal *O Globo* (Rio, 17/6/2000), sobre o outro longo poema *Jogo – Um delírio erótico-metafísico-econômico:*

> *...a sátira, gênero retomado por Pedro Lyra na linha das tradições clássicas mais reconhecidas – e de gabarito equivalente.*

Espero que seja o bastante.

4.2 – A gênese de um poema

Agora, depois da exposição das principais linhas teóricas da CG, entraremos na parte substancial desta dissertação, que é a análise da gênese de um poema: "Nossa aventura" (Soneto de constatação-VII), do poeta Pedro Lyra, escrito em 1995, do livro *Desafio – Uma poética do amor,* publicado por Edições Tempo Brasileiro em 1991, em 2ª edição pela editora da UFC em convênio com a Topbooks em 2001 e em 3ª edição em 2002, pela inclusão do livro na relação de obras para seu exame vestibular entre 2001 e 2003. Escrito 4 anos depois da 1ª edição do livro, o soneto será incluído na 2ª, tendo sido selecionado antes para as duas primeiras antologias do autor, *Visão do ser,* pela Topbooks em 1998, e a versão francesa *Vision de l´être,* pela L´Harmattan de Paris em 2000. Citaremos o livro pela 3ª edição.

É um dos sonetos de Lyra que o poeta, crítico e professor Ildásio Tavares, citado na capa do opúsculo *Ideações – 30 Sonetos conceptuais,* de 2012, considera que "nada devem aos melhores da língua", e que o poeta Alexei Bueno nas orelhas, bem como o crítico Wilson Martins transcrito de resenha no jornal *O Globo* na contracapa, vinculam à alta tradição da poesia filosófica.

A sua gênese apresenta, pelo menos até agora, 18 documentos que têm de ser considerados pelo geneticista, sendo 8 de publicações. Dificilmente um poeta de hoje, que escreve direto no computador, reunirá tantas versões

emendadas de um poema, nem mesmo os do passado. Os de hoje, só em *back-up.*

Ao longo da exposição, vou designá-los pelas abreviaturas entre parênteses na relação abaixo. São eles:

1) **M-1: –** O manuscrito da 1ª redação, datado com uma cercadura no alto da página de "30.9.95, meia-noite";
2) **T-1: –** A transcrição do 1º manuscrito;
3) **M-2**: **–** O manuscrito da 2ª redação, com a numeração II em romano logo abaixo da data também cercada de "1.10.95, manhã cedo", portanto com a única interrupção do sono;
4) **T-2: –** A transcrição do 2ª manuscrito;[1]
5) **D-1: –** A digitação retocada da 2ª transcrição, com o número romano III no alto a indicar uma 3ª redação, e o título de "Soneto de constatação-XXX";
6) **D-1b:** – A redigitação, depurada, de D-1;
7) **D-2:–** A 2ª digitação, novamente retocada, sem número mas a 4ª redação, com o mesmo título da anterior;
8) **D-2b:** – A redigitação, depurada, de D-2, base do texto definitivo.
9) **P-1:–** A 1ª publicação, na antologia *Visão do ser,*[2]com o título de "Soneto de constatação-XXIX";
10) **P-2:–** A 2ª publicação, na antologia bilíngue francês-português *Vision de l´être,*[3]com o título de "Soneto de constatação-VI";
11) **P-3:–** A 3ª publicação, na 2ª edição de *Desafio*,[4] com a mesma numeração da anterior*;*
12) **P-4:–** A 4ª publicação, na 3ª edição de *Desafio*,[5] idem*;*
13) **P-5:–** A 5ª publicação, na antologia *50 Poemas escolhidos pelo autor,*[6] idem*;*

---

[1] Tendo em vista que a transcrição é o mesmo texto do manuscrito, vamos nos referir sempre ao manuscrito, nas formas abreviadas de M-1 e M-2.

[2] Rio de Janeiro, Topbooks, 1988.p.110.
[3] Fortaleza/Rio de Janeiro/Paris, Fundação Cultural de Fortaleza/Topbooks/L´Harmattan, 2000.p.114.
[4] Fortaleza/Rio de Janeiro, Ed.UFC/Topbooks, 2001. p.232.
[5] Fortaleza/Rio de Janeiro, Ed.UFC/Topbooks, 2002. p.232.
[6] Rio de Janeiro, Ed. Galo Branco, 2006. p.40. Volume 19 de coleção do mesmo nome.

14)**P-6:–** A 6ª publicação, na *IV Antologia de poetas lusófonos,*[7]a 1ª com o título de “Soneto de constatação-VII”;

15)**P-7a:–** O original da 7ª publicação, no opúsculo *Ideações – 30 Sonetos conceptuais,*[8] com o título definitivo de “Nossa aventura”, subtítulo de “Soneto de constatação” e o mesmo número VII;

16)**P-7:–** A 7ª publicação, idem.

17)**P-8a:–** O original da 8ª publicação, no meu exemplar de *Ideações – 30 Sonetos conceptuais;*

18)**P-8:–** A 8ª publicação, na antologia coletiva *Poemas cariocas,*[9] com o título, o subtítulo e o número de P-7.

Estes documentos do processo, fornecidos pelo autor, estão todos em anexo, no final da análise, exceto P-8, que por ser o texto definitivo terei de apresentar logo na abertura.

4.3 - A estrutura do soneto

Mesmo não sendo tarefa da CG, mas da hermenêutica, farei uma breve descrição do soneto, para melhor encaminhar o leitor no percurso das emendas.

Ele só recebe título pela 1ª vez em D-I: “Soneto de constatação-XXX”. Por esse número, deduz-se que foi inserido na longa série “Cumprimento”, a 6ª do livro, com 57 sonetos, sendo 53 “de constatação”, dos originais da 2ª edição, que só seria publicada 16 anos depois, ocupando aí a posição de número 30, mas que não será a definitiva. Na 1ª edição, a série tinha menos da metade, apenas 28 sonetos, sendo 27 “de constatação”.

Em P-1, ele aparece com o número XXIX; de P-2 a P-5, com o número VI; e só em P-6 recebe o número VII. Essa variação indica as constantes

[7] Leiria/Portugal, Folheto Edições e Design, 2011. p.412. Organização de Adélio Amaro. p.412.
[8]Rio de Janeiro, IbisLibris, 2012. p.16. 48 páginas.
[9]Rio de Janeiro, IbisLibris, 2012. Organização de Thereza Rocque da Mota. p.112.

produções de novos sonetos e remanejamento da ordem em que aparecem na série.

De imediato percebem-se duas notas características: que o texto não apresenta a estrutura tradicional do soneto e que os versos são decompostos em duas ou três linhas. Esses traços foram apontados por todos os seus críticos como uma marca pessoal, definidora de uma concepção pós-moderna do soneto, com estrofação livre.[10]

"Nossa aventura" pode ser decomposto em 4 segmentos:

1º) A enunciação do tema: as decepções da humanidade (verso 1);

2º) As 4 grandes decepções (versos 2 a 9);

3º) A reação do homem às decepções (versos 10 e 11);

4º) A última e maior decepção (versos 12 a 14).

No 1º segmento, integrado apenas pelo verso inicial, o poeta abre seu texto com a proclamação de que a nossa história é plena de decepções quanto ao conceito altamente autovalorizador que o homem formulou de si mesmo, ao longo da história da civilização, desde a antiguidade clássica até o nosso tempo. Todos os 4 grandes traços desse conceito foram sendo negados pela evolução da ciência.

No 2º segmento, integrado por 4 dísticos, ele apresenta e identifica cada um desses traços. O 1º, versos 2-3, é o de que vivia *no centro do universo*. No século XV, o astrônomo polonês Nicolau Copérnico inicia a demonstração, empiricamente comprovada depois pelo astrônomo italiano Gallileu Gallilei e pelo físico inglês Isaac Newton no século XVII, de que a Terra é um pequeno planeta, que gira em torno de uma estrela de 5ª grandeza, num

[10]Cf. Fortuna crítica de *Musa lusa – Sonetos do amor*(Lisboa, Limiar, 1988, com apenas 89 sonetos), protótipo de *Desafio – Uma poética do amor*, recolhida em sua 1ª edição(Rio, Tempo Brasileiro, 1991), com 6 textos sobre o livro. Também *Uma palavra marcada* – Emoção e consciência na poética de Pedro Lyra (Fortaleza, Ed. UFC, 1999), de Hermínia Lima, e *Uma poesia dialógica* – Nove resenhas da obra de Pedro Lyra (Fortaleza, Ed. UFC, 2003), de Fernando Py.

sistema de apenas 9 planetas embora com muitos satélites, situado na periferia de sua galáxia. O 2º dístico, versos 4-5, é o de que é *filho de Deus,* criado à sua imagem e semelhança. No século XIX, o naturalista inglês Charles Darwin levanta a hipótese de o homem descender de animais inferiores, num lento processo de evolução das espécies pela seleção natural. O 3º, versos 6-7, é o de que é *um ser livre*. Também no século XIX, o filósofo alemão Karl Marx demonstra que o homem está existencialmente condicionado pelo seu nível econômico, e seu modo de pensar depende basicamente do seu modo de viver. Por fim, no 4º dístico, versos 8-9, que é *um ser plenamente consciente* de seus atos. No início do século XX, o médico austríaco Sigmund Freud funda a psicanálise e revela que muitos atos humanos tem motivação inconsciente. Todas essas decepções estão formuladas em dísticos simétricos, em que o 1º verso menciona o fato, numa perspectiva temporal, e o 2º aponta o seu fundamento ou a sua consequência, com o verbo no gerúndio.

No 3º segmento, integrado por um único dístico, versos 10-11, o poeta mostra o homem resistindo a essas perdas, pela esperança de autoafirmação através do amor. Mas nem isso ele conseguiu de modo plenamente satisfatório.

No 4º e conclusivo segmento, integrado por um terceto, versos 12-14, ele exibe uma 5ª decepção, ao demonstrar que nem o amor redime o ser, pois quando ama alguém, a pessoa procura a sua felicidade, não a do outro.

A crer nas proposições desses luminares da espécie, o conceito inicial de homem foi totalmente revertido: não está no centro do universo, não é criação divina, não é plenamente livre nem plenamente consciente. Nem é feliz pelo amor.

É isso que o poeta Pedro Lyra condensa em seu soneto, que escolhi para base da minha dissertação.

4.4 - “Nossa aventura”, verso por verso

Vou mostrar a construção do soneto, não versão por versão, para evitar repetições, mas verso por verso da versão definitiva, acompanhando sua

transformação através dos manuscritos, das transcrições e das digitações, todos com rasuras e emendas.

Desprezarei todas as expressões que foram desprezadas pelo próprio poeta, comentando apenas as que foram aproveitadas em sua ideia central e as diversas alternativas anteriores à expressão definitiva.

Eis o soneto, na sua forma final, em P-8 (p.112):

NOSSA AVENTURA
(SONETO DE CONSTATAÇÃO – VII)

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando
aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência
de antropoides;

logo após
golpearam a liberdade
provando que se pensa
tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade
a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda
restava-nos
o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam
tão só
por amor próprio.

112

Figura 6 – Publicação do soneto *Nossa Aventura* em *Ideações*
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

Ao ler o soneto, assim impresso, o leitor pode pensar que foi simples ou fácil escrevê-lo. Vamos então mostrar as alternativas, as hesitações, as indefinições e as angústias pelas quais passou o poeta, até chegar a esta forma que considero excelente. Desde a 1ª redação, em 1995, até a última emenda, em 2012. Portanto, 17 anos envolvido com um soneto!

1º VERSO

M-1 é uma versão ainda bastante indecisa e prolixa, com muitas expressões a suprimir, muitas rasuras e emendas, numa letra quase ilegível por outra pessoa que não o próprio autor. Por isso mesmo, junto com o manuscrito, ele me forneceu a sua transcrição digitalizada.

O poeta tem em mente um soneto, ainda sem título, que sofrerá muitas alterações no decorrer da criação, o que ocorre logo em sua redação primitiva.

Começa com um substantivo isolado, no plural: “Decepções”. Não dá para visualizar um ponto, mas a maiúscula do artigo “A” na sequência o pressupõe. Podemos entendê-lo como a enunciação do tema do soneto, que principia mesmo com a imediata expressão “A história humana é só decepção:”, que é um perfeito decassílabo heroico, com os 2 pontos indicando que se trata de uma proposição, uma forma verbal *discendi,* introdutória de algo por vir. Depois, o autor permuta o sintagma “história humana” por “nossa história”, mesmo sem ter rasurado o adjetivo “humana”, com o possessivo “nossa” grafado linha acima. O emprego de “decepção” no singular no final do verso anula a forma plural, também sem precisar de rasura. Então, o verso fica assim: “A nossa história é só decepção:”.

No M-2, que traz no alto a indicação II de 2ª redação em romano, o verso sofre nova emenda: o substantivo “história” é permutado por “aventura”, termo tão semanticamente carregado que passará a intitular o soneto em P-7. Ficando o verso com 11 sílabas, o poeta cortou o artigo “A” e ele assume então a sua expressão definitiva já na 2ª redação, mas agora com um algo equivocado ponto final no lugar dos 2 pontos até D-1. Ressaltemos que esta

apresenta no alto da página a numeração III também em romano, como sendo uma 3ª redação, e introduz o título primitivo do poema: “Soneto de Constatação-XXX”. As 3 linhas borradas no alto da página são evidentemente o terceto final do soneto anterior dos originais.

Mas o poeta corrige o equívoco e restaura os 2 pontos em D-2. Por essa razão, todos os 4 dísticos prenunciados pelos 2 pontos começarão com inicial minúscula, tendo o poeta barrado uma por uma todas as 4 iniciais maiúsculas, como integrantes de um longo período composto por coordenação e subordinação. A mudança se justifica por não ser uma proposição conclusiva, mas introdutiva da série de decepções que se seguirá.

Com esta forma, o verso, que é uma forte e polêmica sentença, aparece logo na 1ª publicação, em P-1. É o único verso linear em todo o soneto, sem quebra:

Nossa aventura é só decepção:

2º VERSO

O poeta faz várias alterações ainda no M-1. Ele abre a série de decepções em ordem histórica, com a revelação de Copérnico, no século XVI, sobre a posição da Terra no universo, retirada do centro. Ele escreve: “Primeiro”, mas rasura a sequência “observando o movimento” e prossegue com a constatação de que o resultado, também rasurado, “foi se extrair do centro do universo”, decassílabo reduzido para “foi retirar-se do centro”, grafado linha acima, e finalmente permuta a forma mista de passiva e reflexa “foi retirar-se” pela ativa indeterminada “retiraram-nos”, mediante o simples acréscimo da desinência de plural “-[r]am”, mesmo sem rasurar a desinência da forma anterior.[11] O verso fica então no que seria a forma definitiva: “Primeiro,

[11] Sempre que o poeta introduz uma emenda, mas não risca a anterior, adotei a 2ª opção, já que a 1ª não foi confirmada.

retiraram-nos do centro”, o único logo na 1ª redação, depois de 2 retoques, mas na própria página primitiva.

.Mas no M-2 ele faz novas emendas, passando o verbo “retirar” para a 2ª pessoa do plural: “retiramo-nos do centro”. No entanto, ali mesmo restaura a emenda anterior, como aparece em D-1, já na forma final, com a quebra do verso. Os enunciados seguintes, expressando a mesma ideia, serão desprezados logo na primeira digitação.

Nesta 3ª redação, com o soneto próximo da forma definitiva, os versos já aparecem decompostos, como este:

Primeiro

retiraram-nos do centro

3º VERSO

O 3º verso do M-1, “girando no subúrbio do universo”, era uma continuação sintática do anterior. No M-2, ele permuta “girando” por “a rolar” e pluraliza a locução adverbial para “nos subúrbios do universo”.

O verso sofrerá na D-1 emenda que criará outro problema. A emenda acrescentada é que ela permuta o sintagma “a rolar” por “nos largando”, e o problema é que deixa o verso com 11 sílabas.

Na D-2, que repete o título e a numeração do soneto mas não indica que se trata de uma redação IV, o autor permuta a preposição “em” da contração “nos” pela preposição “a” da combinação “aos”, eliminando a sílaba excedente pela elisão da vogal “o” do final de “largando” com a vogal “a” da contração “aos”, restaurando o decassílabo.

Além disso, o poeta talvez não tenha querido a repetição do vocábulo “nos” com classe gramatical diferente, já que no inicio do verso aparece como um pronome pessoal oblíquo. Temos então o verso na expressão definitiva, preservado em todas as publicações, mas com a quebra de verso apenas a partir de P-6, como todos os segundos dos dísticos centrais:

nos largando

aos subúrbios do universo;

4º VERSO

O 4º verso apresenta a 2ª decepção: a negação da origem divina do ser humano, proposta por Charles Darwin no livro *O origem das espécies,* publicado em 1859.

O poeta escreve em M-1: “Segundo, foi se despir da divindade”, e em outra rasura permuta “foi se despir” por “abdicar”, grafado linha acima, ficando: “Segundo, abdicar da divindade”, com o complemento “por se saber um filho não de Deus”, que seria abandonado.

No M-2, o poeta continua hesitando entre várias opções. Logo no início do verso, permuta “Segundo” por “Depois”, passando de uma sequência simplesmente ordinal para uma ordem temporal na série de decepções. Permuta “abdicar” pelo mesmo “retirar” do verso 2 e, como fizera antes, passa o verbo do infinitivo para o indicativo indeterminado “retiraram”, com a opção não assumida por “suprimiram”, como aparece em D-1: “Depois / nos suprimiram a divindade”.[12]

[12]As barras indicam a decomposição dos versos, eliminando as vírgulas dos manuscritos. O poeta não quebra os versos no momento da redação.

Somente em D-2 o verso aparecerá na forma definitiva, com a permuta de “nos suprimiram a divindade” por “negaram a filiação divina”, e já com a quebra:

depois

negaram a filiação divina

5º VERSO

Como ocorre com os versos 2 e 3, o 5º é uma continuação do 4º verso. No M-1, o poeta escreveu: “mas se resignar em ser apenas”, permutando a adversativa “mas” pela aditiva “e”, e a preposição “em” por “a”, / Longínquo descendente de antropoides”. No M-2, continua a hesitação. O início sofre ligeira mutação para “nos resignando a ser apenas”, variando para “nos condenando à curva condição”, com a opção adjetiva de “baixa”, depois rasurada para “exata”, grafados linha acima, e de “retos” em lugar de “longínquos”, com a opção por “remotos”. Essas hesitações continuariam em D-1, com a variante “nos condenando à exata condição”, logo após rasurada para “como vis descendentes de antropóides”, agora no plural. Seriam atenuadas, no rumo da expressão definitiva, em D-2: “provando uma ascendência de antropóides”, com a opção de “mostrando” linha acima.

Somente em P-1 o verso aparecerá em sua formulação definitiva. Porém apenas a partir de P-6 figura com a quebra:

mostrando uma ascendência

de antropoides;

6º e 7º VERSOS

Estes 2 versos têm que ser analisados em conjunto. O dístico introduz a 3ª decepção, que é o reconhecimento de que a liberdade do homem está condicionada economicamente, pelo seu nível de renda, e socialmente, pelas condições em que vive, e que constitui uma das proposições centrais da filosofia política de Marx, formulada na 2ª metade do século XIX, de modo conciso no famoso prefácio ao livro *Contribuição à crítica da economia política,* por coincidência também de 1859.

O 6º verso, no entanto, não aparece no M-1. E até mesmo a sua ideia, e de forma bem caótica, só aparece no M-2, num bloco de 5 linhas intercaladas por 2 traços horizontais, de margem a margem. E não na sequência do anterior, o que seria o coerente com a lógica expositiva do soneto, mas quase no final da página, antes do que será a sua estrofe conclusiva. O poeta registra o nome de Marx, destacado num retângulo, como fonte da ideia, e anota mais que escreve: “Depois”, logo rasurado em troca de “A seguir”, separado por uma barra de “Logo após”, que seria o início do 8º verso, mas sequenciado também caoticamente por termos e sintagmas sem vínculo sintático: um “que não”, rasurado, “se vive como pensa / porém (também rasurado) que só”, e depois um termo ilegível, antecedendo “o pensamento”, permutado por outro igualmente ilegível antecedendo “liberdade”. A ideia dispersa nesse trecho amorfo parece ser a de perda da liberdade, como se pode deduzir do 2º verso: “mostrando que se pensa como vive”. Sem rasura, as emendas de “mostrando” por “provando” e “como” por “tal se” são ainda apenas opções.

Em D-1, o dístico aparece no final da página, agora bem coerente e já com a quebra no verso inicial: “Logo após / nos tomaram a liberdade // provando que se pensa tal se vive”. E na D-2 aparece já na sua posição própria na estrutura do soneto, depois da 2ª decepção, com a emenda de “nos tomaram” por “suprimiram”. Depois, o poeta faz uma sutil emenda: rasura apenas o radical “prov-” do gerúndio “provando” e grafa acima o radical “mostr-”, aproveitando a desinência “-ando” do anterior “mostrando”. Mas o “mostr-”

também será rasurado, como indica o breve grifo em “provando”, deixando a opção em suspenso.

Embora também não seja tarefa da crítica genética, cabe aqui um breve comentário sobre essa hesitação do poeta. No dístico anterior, sobre a origem do homem, ele oscilou entre os mesmos gerúndios: “provando” ou “mostrando” uma ascendência de antropoides. Agora, a mesma dúvida, na mesma ordem de preferência: “provando” ou “mostrando” o condicionamento do pensamento pelo modo de existência. A solução aparecerá em P-1: “mostrando” para o 1º caso, uma tese polêmica, portanto ainda não universalmente comprovada; “provando” para o 2º, uma ideia pacífica, universalmente reconhecida.

A solução começará a aparecer com P-1: o 1º verso deste problemático dístico permanece, mas o 2º confirma a comparativa “como”, que não se impusera na versão anterior. Mas em P-2, ostentando a indecisão do poeta neste verso, retorna a comparativa “tal se”, certamente em razão da infuncional elipse do índice de indeterminação do sujeito “se”, necessário antes de “vive”, ditada apenas por razão métrica, pois o verso ficaria com 11 sílabas.

Esta solução permaneceria em P-3, em P-4 e em P-5. Mas sofreria uma emenda no 1º verso dos originais de P-7, que vou identificar como P-7a: “golpearam” em vez de “suprimiram”, o que se afigura mais preciso:

logo após

golpearam a liberdade

Afinal, a tese de Marx foi um golpe no conceito de liberdade, mas não a sua supressão. E esta finalmente é a forma definitiva, com o seu fundamento e quebra do verso a partir de P-6:

provando que se pensa

tal se vive;

8º VERSO

Este verso introduz a 4ª decepção, que foi a redução da plena consciência de nossos atos, com a revelação da presença e da força do inconsciente por Freud, no início do século passado.

No M-1, temos apenas o esboço da ideia, com palavras bem distintas da expressão final. Ele escreve: “Terceiro”, e continua com uma palavra mal legível e ainda rasurada, talvez “admitir”, mas que não se harmoniza com o seguinte “de onipotência”. Harmoniza-se bem com o “se despir” grafado acima, mas se esta tivesse sido uma opção na hora da escrita, o poeta não a teria grafado acima do suposto verbo “admitir”, como se vê claro no M-1, mas na sequência horizontal do verso.

O objeto de que o homem “se despe” aqui é indicado num verso que seria desprezado pela expressão, mas preservado pela ideia: “de se julgar senhor do seu desejo”, com a justificativa de “que nem dirigimos nossas vidas” e outros argumentos que também seriam abandonados.

No M-2, no lugar do numeral “Terceiro”, temos um “Por fim”, constatando que “eliminaram” primeiro a “onipotência”, depois a “onisciência”, mediante outras sutis rasuras: o poeta introduz uma barra depois do prefixo “oni”, rasura “potência”, introduz outra barra e rasura o prefixo “con”, ficando então o verso “Por fim eliminaram a onisciência”, que permaneceria em D-1 e D-2. É uma expressiva acomodação, passar de onipotência a onisciência até à simples consciência.

Sem emenda manuscrita, sofreria aperfeiçoamentos diretos nas publicações. Logo em P-1, aparece “No final sufocaram a consciência”. Mas em P-2, o verso finalmente se estrutura na sua forma definitiva: nem “eliminaram”, nem “suprimiram”, que são fatos extremos, mas “subjugaram”, o que se harmoniza bem com a ideia de inconsciente, e já com a quebra:

no final

subjugaram a onisciência

9º VERSO

É o fundamento da subjugação da consciência. Em P-1 ainda está muito impreciso: “Pois não sabemos direito o que queremos”. O poeta permuta “direito” por “bem”, grafado linha acima, e acrescenta um “sem nem” como alternativa inicial a “não sabemos”.

A seguir, uma série de versos, fora de sequência, que serão aproveitados no final do soneto.

Em P-2, aproxima-se da versão definitiva, com “nos submetendo a uns desejos”, logo preteridos pelas mais psicanaliticamente expressivas “pulsões”, e o “incertas” que as qualificava cede a “fatais”, com o agravante retomado da versão anterior, de “sem nem saber direito o que queremos”, com o “direito” rasurado agora para “ao certo” e a opção não exercida de “nos move” para “queremos”.

Em D-1, depura-se a redação: “nos submetendo a umas pulsões fatais”, e logo permuta a pessoalidade do “nos” pela realidade do “desejo”, rasurado para “vontade”, como o objeto da submissão, e abandono do bom verso seguinte, “sem nem saber ao certo o que nos move”, não pela ideia, mas pela limitação do soneto. E em D-2 assume a expressão definitiva, com a fixação da “vontade” e a singularização das “pulsões”, com quebra do verso a partir de P-6:

submetendo a vontade

a uma pulsão.

10º VERSO

Este verso abre o 3º segmento do soneto, expondo a reação do homem a essas 4 grandes perdas.

Em M-1, aparece “Se nessas perdas quebrassem nosso espelho”, seguida pela variante “Quebramos nosso espelho, sem rancores”, com a significativa mudança de sujeito da quebra do espelho: não uns vagos outros (se “quebrassem”), mas nós mesmos: “quebramos”. É a possibilidade da perda da identidade que o sujeito está pondo em evidência, em face de tantas decepções. Mas conserva ainda um consolo, a ser formulado no verso seguinte.

Em M-2 o poeta rasura “rancores” para “ressalvas”, mantido em D-1, e que será a opção definitiva, mas em D-2 ele rasura “ressalvas” e introduz “grandes recalques”, rasurando o adjetivo “grandes”, numa significativa oscilação de sensações e atitudes. Porém, mais uma vez, o poeta recupera a expressão primitiva e o verso fica então com “ressalvas” na forma definitiva, por ser termo mais abrangente, designando uma atitude que envolve os 2 outros, que são apenas sentimentos. E já com quebra, logo a partir de P-1:

Quebramos nosso espelho

sem ressalvas

11º VERSO

Este verso introduz o motivo para a aceitação da quebra do espelho. É a permanência do amor: “restava ainda a glória dos amores”, com a variante mais enxuta de “que, ao menos, restava-nos o amor”, rasurada e aperfeiçoada

a seguir em “pois ainda restava-nos o amor”, que é o 2º verso definitivo logo na 1ª redação, exceto pela maiúscula de “Amor” em P-1, introduzida para realçar a grandeza do objeto motivo da aceitação, e assim permanece em todas as publicações.

Até P-5, o verso aparece em forma linear, como todos os segundos versos dos dísticos descritores das decepções. Pessoalmente, considero mais significativa a forma linear do que a decomposta, pelo destaque que confere às consequências ou aos fundamentos das decepções, mas o autor preferiu quebrá-los. Portanto, é a partir de P-6 que o verso encontra sua forma definitiva, com duas quebras:

pois ainda

restava-nos

o Amor.

12º VERSO

Este verso introduz o remate da longa peripécia do conceito de homem pela filosofia ocidental. O consolo será negado na conclusão do soneto, acrescentando uma última decepção, talvez a mais funda.

No M-1, o poeta afirma: “Mas a decepção maior é constatar”, com supressão do desnecessário “decepção” e a opção de “ver” para constatar o que indicará no verso seguinte. Ele abandona uma segunda versão, que forneceria o fundamento dessa ideia: “Aí chega a carência e nos revela / demonstra” a decepção maior.

O M-2 abandona essas expressões e apresenta “Porém, depois de tudo, constatamos”, permutando a posterioridade do “depois de tudo” pelo mais expressivo presente de “na hora-vida”. No final do manuscrito, retoma o verso e introduz o fato deflagrador da decepção: “Porém, na hora-vida, chega o outro”,

e rasura o neutro “chega” por um imponente “rompe”, conferindo a sua expressão definitiva já aqui, como 3º verso definitivo na sua 1ª redação, embora não tenha brotado na 1ª, em M-1.

D-1 apenas desloca a constatação para o verso seguinte, quebrando-o em três fragmentos:

Porém

na hora-vida

rompe o outro

12º VERSO

É o que o poeta constata: o outro que rompe vai negar o amor. Em M-1: “que nos amam por si, e não por nós”, aliás repetido na última linha do manuscrito. Mas este verso será uma 1ª chave-de-ouro do soneto, que M-2 modifica para uma forma talvez mais expressiva, que mantém a indeterminação do sujeito do amor, mas permutando a 3ª pessoa do plural “nos amam” pelo emprego do pronome “se”, e que no entanto será abandonada: “que se ama por si, não pelo outro”.

Essa constatação só aparecerá em M-2: o outro rompe “e nos mostra a verdade, e constatamos” o que já enunciara antes, rasurando a ação desse outro para “rasga o último véu”, grafado linha acima.

D-1 ainda apresenta este verso a princípio como “Porém / na hora-vida / constatamos”, emendado o “constatamos” para “rompe o outro”. E prossegue com “e rasga o último véu, ao constatarmos”, com a simples introdução do “r”, passando o verbo do modo indicativo para o subjuntivo.

D-2 permuta a oração “e rasga o último véu” por “e corta o último fio”, que P-1 permuta por “e liquida a ilusão”, em outra sugestiva oscilação mais de expressão que de ideias, pois as atitudes (“rasgar”, “cortar”, “liquidar”) e os

objetos (“véu”, “fio”, “ilusão”) são equivalentes nos 3 enunciados, estão num mesmo paradigma. Mas P-2 restaura a 1ª opção, deixando o verso na forma definitiva, com a quebra:

e corta o último fio

ao constatarmos

14º VERSO

É a chave-de-ouro “que nos amam por si / e não por nós”, que já apareceu em M-1, que aparece em D-1 já com a quebra e que será preservada até P-7.

P-8 apresenta uma emenda que me é muito particularmente cara: o poeta a fez no meu exemplar de *Ideações – 30 Sonetos conceptuais,* designado por P-8a.

Foi no dia do lançamento em Campos dos Goytacazes, no III Colóquio Interdisciplinar de Cognição e Linguagem, desta universidade, a 10 de dezembro de 2012. O poeta surpreende de modo singular quando altera o último verso do soneto, permitindo que a rasura, feita de modo inesperado, confirme a *teoria do amor egoísta* de *Karl Marx.*[13] O autor faz a importante constatação de que o ser humano, egoísta, aventureiro, ama no outro a si mesmo. Todo gozo, todo prazer vivido é egoísta, o que importa é o sentimento particular, interior. O último verso resultou assim:

que nos amam

tão só

por amor próprio.

[13] “*Cada um serve ao outro para servir a si mesmo; cada um se serve reciprocamente do outro como seu meio.”*

4.5 - Quadro de Emendas

A seguir, um quadro mostra todas as emendas do soneto, verso por verso, nas suas sucessivas formas:

Linhagem manuscrita: 1ª a 4ª redações, transcrições das 2 primeiras, digitações das 2 transcrições, 1 original e 1 exemplar emendado.

Linhagem impressa: 1ª a 8ª publicações.

	REDAÇÕES	DATAS
LINHAGEM MANUSCRITA	M-1	30-9-95, meia-noite
	T-1	transcrição emendada
	M-2	1-10-95, manhã cedo
	T-2	transcrição emendada
	D-1	sem data, digitada
	D-1b	digitada e emendada
	D-2	sem data, digitada
	D-2b	digitada e emendada
	P-7ª	original emendado, 2012
	P-8ª	exemplar emendado, 2012
	PUBLICAÇÕES	FONTES
	P-1	*Visão do ser,* 1998
	P-2	*Vision de l´être,* 2000

LINHAGEM IMPRESSA	P-3	*Desafio-2,* 2001
	P-4	*Desafio-3,* 2002
	P-5	*50 Poemas,* 2006
	P-6	*IV Antologia,* 2011
	P-7	*Ideações,* 2012
	P-8	*Poemas cariocas,* 2012

Com exceção da 1ª e da 2ª redações, M-1 e M-2, todas as demais são digitadas, mas todas apresentam vários retoques à mão. A 9ª e a 10ª, P-7a e P-7a, são apenas emendas, uma num original e outra num exemplar, adiante caracterizados.

A 4ª publicação é reprodução gráfica da 3ª, apenas com uma "Nótula" sobre ela. O livro continuava na lista de obras do vestibular da UFC e o autor não podia introduzir modificações na nova edição. Nem houve condição nem interesse em retocar os sonetos: em 2001-2002, ele estava já em Campos e tinha retomado a atividade universitária, depois da aposentadoria da UFRJ em 1997. Disse-me que, nesse período, andava escrevendo diariamente o poema *Confronto – Um diálogo com Deus,* que seria publicado em 2006, e o ensaio *Poema e Letra-de-música,* que seria publicado em 2010. Por esse motivo, não precisa incluí-la neste quadro, que é de emendas.

Na transposição para o quadro, dentre as diversas variantes renegadas, optei por registrar a versão do momento, ou a mais próxima, confirmada pelas versões seguintes e pelas publicações.

Para evitar repetições, apontarei apenas as versões e publicações com emendas, até aquelas na forma definitiva, *em italic,* subentendendo-se que as omitidas são confirmações das anteriores.

VERSO 1

MANUSCRITOS	M-1	A nossa história é só decepção:
	M-2	Nossa aventura é só decepção.
	D-2	*Nossa aventura é só decepção:*

VERSO 2

MANUSCRITOS	M-1	Primeiro, retiraram-nos do centro
	D-1	Primeiro / retiraram-nos do centro
	D-2	*Primeiro / retiraram-nos do centro*

VERSO 3

MANUSCRITOS	M-1	Girando no subúrbio do universo.
	M-2	A rolar nos subúrbios do universo.
	D-1	nos largando nos subúrbios do universo.
	D-2	*nos largando aos subúrbios do universo;*

VERSO 4

MANUSCRITOS	M-1	Segundo, abdicar da divindade
	M-2	Depois suprimiram a divindade
	D-1	Depois / nos suprimiram a divindade
	D-2	*depois / negaram a filiação divina*

VERSO 5

MANUSCRITOS	M-1	longínquo descendente de antropóides.
	M-2	de retos descendentes de antropóides.
	D-1	como vis descendentes de antropóides.
	D-2	*mostrando uma ascendência de antropoides;*

VERSO 6

MANUSCRITOS	M-1	Ausente
	M-2	Logo após *[ilegível]* a liberdade
	D-1	Logo após / nos tomaram a liberdade
	D-2	logo após / suprimiram a

		liberdade
IMPRESSOS	P-7a	*logo após / golpearam a liberdade*

VERSO 7

MANUSCRITOS	M-1	Ausente
	M-2	provando que se pensa tal se vive
	D-1	provando que se pensa tal se vive.
	D-2	provando que se pensa tal se vive;
IMPRESSOS	P-1	provando que se pensa como vive;
	P-2	provando que se pensa tal se vive;
	P-6	*provando que se pensa / tal se vive;*

VERSO 8

MANUSCRITOS	M-1	Terceiro, se despir de onipotência
	M-2	Por fim, eliminaram a onisciência
	D-2	por fim / eliminaram a onisciência
IMPRESSOS	P-1	no final / sufocaram a consciência
	P-2	*no final / subjugaram a consciência*

VERSO 9

MANUSCRITOS	M-1	de se julgar senhor do seu desejo.
	M-2	nos submetendo a pulsões fatais.
	D-1	submetendo a vontade a umas pulsões.
	D-2	*submetendo a vontade a uma pulsão.*

VERSO 10

MANUSCRITOS	M-1	Quebramos nosso espelho, sem rancores,
	M-2	Quebramos nosso espelho, sem ressalvas,
	D-1	Quebramos nosso espelho / sem

		ressalvas,
	D-2	Quebramos nosso espelho / sem recalques
IMPRESSOS	P-1	*Quebramos nosso espelho / sem ressalvas*

VERSO 11

MANUSCRITOS	M-1	pois ainda restava-nos o amor.
IMPRESSOS	P-1	pois ainda restava-nos o Amor.
	P-6	pois ainda / restava-nos / o Amor.

VERSO 12

MANUSCRITOS	M-1	Ausente
	M-2	Porém, na hora-vida, rompe o outro
	D-1	Porém / na hora-vida, rompe o outro
	D-2	*Porém / na hora-vida / rompe o outro*

VERSO 13

MANUSCRITOS	M-1	*[ilegível]* depois de tudo, constatamos
	M-2	Rasga o último véu, e constatamos
	D-1	e rasga o último véu, ao constatarmos
	D-2	e corta o último fio, ao constatarmos
IMPRESSOS	1ª	e liquida a ilusão / ao constatarmos
	2ª	*e corta o último fio / ao constatarmos*

VERSO 14

MANUSCRITOS	M-1	que nos amam por si, e não por nós.
	D-1	que nos amam por si / e não por nós.
	P-8a	*que nos amam / tão só / por amor próprio.*

5 – **Análise das entrevistas**

Foi realizada uma entrevista com os escritores WILLEMART, SILVA e o poeta LYRA que consta de depoimentos a respeito da visão sobre os estudos da crítica genética (CG) e seu futuro em face da era virtual. Segundo a Dr.ª em linguística SILVA, os *e-books* vêm como mais uma forma de informação, as versões dos estudos de CG no computador coexistirão com os impressos. O escritor e precursor da crítica genética no Brasil, WILLEMART defende a ideia de que as várias cópias salvas no computador fazem parte dos estudos de CG no processo de criação, representando o avanço tecnológico. Já o poeta LYRA, vê como consequência imediata e evidente a redução da prática manuscrita de livros, o que considera de certa forma benéfica, no sentido de tornar a análise de textos manuscritos uma prática rara.

1. Que consequências podem ser percebidas nos estudos de crítica genética, em face da redução da prática manuscrita, com o aumento do uso do computador na pós-modernidade?

WILLEMART*: Ainda não constatei consequências negativas para a crítica genética no uso crescente do computador por escritores, embora muitos ainda continuem escrevendo à mão.*
Supondo, no entanto, que a partir de 2020, data fictícia, ninguém mais escreve à mão, ainda teria crítica genética?
Pierre-Marc de Biasi[1] respondeu à pergunta no artigo Pour une génétique généralisée : l´approche des processus à l´âge numérique, em Genesis,30/20. Paris, PUPS, 2010, p.163. [2]

Além disso, sublinho que a crítica genética estuda os processos de criação, não necessariamente a partir do manuscrito papel, mas através, por exemplo, das várias cópias salvas no PC. Neste caso, cada substituição mesmo se não for assinalada por uma rasura, é signo de mudança da lógica do texto e precisa ser estudada como se fosse uma rasura.
As vezes, autores rasuram pouco no manuscrito, mas tem até cinco versões do mesmo texto. Comparando essas versões, constatamos substituições impercebíveis que assinalam um processo de criação a ser levando em conta. Os manuscritos de Henry Bauchau que estudo atualmente, é um exemplo deste processo.

---

[1]Formado no ENS de Saint-Cloud e no ENSBA de Paris, doutor e pesquisador, Pierre-Marc de Biasi é coordenador de pesquisa no CNRS (ITEM: Institut des Textes et Manuscrits modernes).
[2] Documento anexo

Esta constatação simples comprova o não desaparecimento da crítica genética tão cedo.

SILVA : *Na verdade, a CG estuda o processo de criação que também está "impresso" nas versões no computador. Alguns geneticistas, como De Biasi, vão mais longe, dizendo que talvez a prática de escrita diretamente no computador consiga "capturar" momentos iniciais da criação que não apareciam no papel. Além disso, a temporalidade das versões está lá, em alguns casos, inclusive com hora, minuto, segundo.*

LYRA – *A consequência mais imediata e mais evidente é a redução da sua prática: se há menos material a explorar, haverá menos exploração. Mas essa redução poderá ser benéfica: pode acarretar uma valoração da prática, ao se tornar mais rara.*
Toda a crítica (com a óbvia exceção da condenatória) é um ato de amor – de amor do crítico pela obra que ele admira, e que gostaria de haver escrito, se fosse essa a sua vocação. E a genética é a mais amorosa, a mais humana de todas as formas de crítica. Ela não é bem uma crítica, pois não implica um juízo de valor: é apenas uma análise, e puramente descritiva, da construção de um poema, desde o rabisco inicial à publicação final, detendo-se no comentário de cada rasura. Não cabe ao geneticista emitir juízo de valor sobre o texto, mas apenas sobre as emendas. Num bom poeta (esse não corre o risco de ser atropelado pelo ditado popular..), suas emendas são sempre no sentido de um aperfeiçoamento do texto – e tanto na funcionalidade da forma, na expressividade da linguagem, na formulação das ideias...
E não precisa emitir juízo: se ele escolheu essa vertente crítica e se se dispõe a aplicar seu tempo e dedicar sua atividade profissional à dissecação de um texto, ele já implicita esse juízo. Ao menos para ele, o texto é bom. Se não fosse...
Ela revela a gestação do poema, rigorosamente como a de um feto humano: é um ser que está se desenvolvendo, e o geneticista acompanha esse desenvolvimento com um certo prazer, como se tivesse participando dele, ou fosse o seu confidente particular. É a mais humana e mais amorosa justamente por isso: o geneticista trata o poema como a mãe trata o feto, e até mesmo o recém-nascido: depois de publicado, o poema pode continuar a sofrer rasuras... E ela acompanha os primeiros gestos de vida da criança, seus primeiros passos, a evolução do seu ser, como a evolução do poema. Ele parece amar o texto escolhido tanto quanto o poeta... e assim, enquanto persistir esse amor do leitor/crítico pelo poema, a crítica genética permanecerá.
Alguns autores se dividem em relação à gênese do seu texto: uns preservam tudo, outros destroem tudo. Do segundo caso, tenho o testemunho de ninguém menos que nosso Nobel, o grande romancista José Saramago. Num almoço em Lisboa, na companhia do também já falecido escritor Haroldo Maranhão, em 1987, ele confessou (o computador ainda não havia se difundido muito entre os escritores) que escrevia numa máquina de datilografia e que borrava plenamente, com uma sequência forte de xxxxxxxxxx, a palavra ou a frase inteira trocada, inclusive com X maiúsculo, para que ninguém ficasse sabendo da sua expressão primitiva. Escondia o processo, para absolutizar o resultado.
Do primeiro caso, fala muito e fala bem a autora nesta monografia.

2. Você acredita que o uso do computador e da internet como uma das mais utilizadas formas de aquisição de conhecimento, esteja substituindo a leitura de livros impressos?

WILLEMART*: Devo matizar a pergunta. Não existe a alternativa e não diria, substituir, mas o uso do PC completa a aquisição do conhecimento. Em segundo lugar, o livro está cada vez mais transferido para o Kindle, a tablet, o PC ou outro meio informático; ele mudou apenas de aspecto, mas não de função.*

SILVA: *Cada vez mais se utiliza internet e computador, tablets, etc como meio de informação, o que significa uma diminuição considerável da impressão, não apenas de livros, como de jornais e revistas. No entanto, não vejo o fim do livro, porque ainda há uma aura protetora em relação a este objeto. Já ouvi depoimento de escritores que começaram em blogs, dizendo que só se consideraram verdadeiros escritores quando lançaram um livro. Acho que nem a geração dos meus filhos verá o fim do livro!*

LYRA : *Substituindo , não: a Net apenas introduziu uma nova forma de leitura e, antes, de escritura, claro. As duas vão coexistir em harmonia, e creio mesmo que uma reforçando a outra. Hoje, o autor publica um livro e logo procura inseri-lo na rede; o leitor acessa o e-book e pode desejar dispor do livro em casa. O impresso tem a insuperável vantagem da individualidade e da autonomia: é um objeto único e não precisa nem depende de outro para cumprir a sua destinação. O e-reader tem a da acessibilidade universal: mas se, no meio da leitura, e longe de um shopping-center, acaba a bateria... Mas aqui já se trata de leitura, não se reporta à escritura do texto e assim o fato não se relaciona com a crítica genética.*
O que a Net introduziu no universo da cultura não foi apenas transformar o receptor em emissor ou criar a interatividade à distância em tempo real. Foi principalmente fornecer ao produtor, sobretudo o iniciante, duas atitudes antes privativas dos editores convencionais (de jornal, de revista, de livro, de disco, de imagem, de filme): o direito à iniciativa e o comando da edição. Hoje, criada sua obra, qualquer menino pode divulgá-la em seguida. Se tiver valor, vai ser reconhecido – independente de intermediários entre ele e o público.
O texto-padrão da Net tem uma vantagem arrasadora sobre o texto escrito tradicional: a brevidade, que é um forte atrativo de leitura. Mesmo fraco, lê-se – perde-se pouco tempo, antes de entediar ou de cansar. E ainda pode vir acompanhado de ilustrações, de imagens, de movimento e outros recursos gráficos. É uma competição tremendamente desigual, sobretudo para um público descompromissado dos grandes problemas da nossa condição. Trágico pode ser a consequência: criar-se uma população condicionada ao breve, isto é, ao mediano, ao superficial, com abandono de qualquer desenvolvimento e aprofundamento de ideias e questões. É a triste confirmação do minimalismo de certa faceta da própria modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de caráter exploratório buscou discutir a possível ameaça que o uso do computador na construção de textos poderia trazer para os estudos de crítica genética na pós-modernidade. Foi possível tratar do problema, assim como atingir o objetivo geral, de forma a compreender através de pesquisa junto a escritores e pesquisadores desta ciência, que o avanço tecnológico se dá a cada dia de forma mais intensa e que, na visão de estudiosos, seria impossível que as coisas ficassem engessadas já que nada pode permanecer do mesmo modo no tempo, nem no mesmo lugar sem que tenha sofrido qualquer tipo de mudança. Afirmam que o processo de criação como o uso do computador, ocorrerá através de cópias salvas, porém a meu ver o manuscrito detém uma marca que tecnologia alguma se permitirá: a escrita do próprio punho que vem validar o texto, como fosse assinatura.

A hipótese inicialmente proposta, segundo escritores renomados, se confirma já que todo e qualquer estudo científico, sofrerá alguma possível alteração ao longo do tempo no que diz respeito à evolução, porém segundo eles, em se tratando das bases do estudo, afirmam que não haveria nenhum tipo de consequência negativa, já outros veem como negativa a redução da prática manuscrita.

Nesta pesquisa os objetivos específicos foram alcançados, na medida em que foi desenvolvido um estudo histórico da crítica genética e seus entornos, além de uma análise crítica do poema “Nossa Aventura” do poeta Pedro Lyra, que vem selar a abordagem prática do estudo desenvolvido.

Diante da grande preocupação com o futuro da crítica genética, muitos escritores defendem a ideia de que mesmo que não haja na era digital manuscritos, rascunhos, cadernos de notas, a crítica genética sobreviveria porque o verdadeiro objeto de estudo do geneticista é o processo de criação. Considero, porém, que não podemos esquecer que nesse processo de criação o manuscrito é o principal objeto, já que representa o “gene”, a origem, o começo. A imagem metafórica do rascunho representa o início, a primeira

ideia. A etimologia da palavra “genética” tem como origem o grego *“genno*”, que significa *“fazer nascer”,* o princípio, que para os nossos estudos representaria o nascer de uma obra. A era digital não preserva o rascunho, ela *deleta*, apaga, substitui sem deixar traços do caminho percorrido ou no máximo salva versões impessoais ausentes das marcas do autor. Acredito com isso que o uso do computador como única forma na escritura de um texto, extinguiria uma das mais importantes formas de estudo da crítica genética, que é o acompanhamento do nascimento verdadeiro do texto, dos suportes que conduzem à análise, na medida em que o geneticista estaria impossibilitado de acompanhar o processo das partes de elaboração de um texto.

Durante essa pesquisa foi possível observar que o livro impresso tem seu lugar e que não será substituído pelo livro eletrônico, já que para muitos é uma forma segura de lidar com a leitura que possibilita conhecimento e crescimento pessoal. Pudemos observar que a internet é muito usada como fonte de pesquisa, mas poucos a utilizam na verdade para leitura de livros extensos por inúmeros motivos mencionados. Para esses momentos o leitor utiliza o livro impresso que afirma poder ter melhor facilidade de acesso e até liberdade de uso. Na oportunidade foi observado que estudiosos de CG, que foram entrevistados, acreditam que esta ciência não correria nenhum risco de vir a sofrer alterações em suas bases em face do uso do computador, já que o veem como mais uma ferramenta no processo de análise desta ciência.

Fazer crítica genética do soneto *Nossa Aventura* do poeta Pedro Lyra, permitiu conhecer profundamente os percursos de um escritor renomado e compreender que os grandes escritores e os poetas em particular habitam nesse mundo de forma singular e buscam uma compreensão incomum do mundo que, algumas vezes, difere de nós. Eles se permitem sentir, através das palavras, a verdadeira razão que justifica a existência.

Uma conclusão muito pessoal

Desta série de publicações, ressalto um fato de grande significação quanto à apreciação que o poeta faz deste seu soneto.

O sumário da antologia *Visão do ser* relaciona 250 poemas, extraídos de 9 livros. A versão francesa, *Vision de l´être,* reúne 68. Os *Poemas escolhidos* integram uma coleção de apenas 50. O opúsculo *Ideações* consta de apenas 30 sonetos, selecionados entre os que ele valorizou como "conceptuais". A *IV Antologia de poetas lusófonos* inclui 5 e a antologia coletiva *Poemas cariocas* apenas 3 sonetos. Como se vê, o número de poemas antologiados foi se reduzindo nessas 6 seleções – e "Nossa aventura" é o único poema que *está em todas elas*. Será que, se tivesse de escolher apenas um de seus sonetos, o poeta escolheria este? Talvez não, pois em algumas outras publicações ele não aparece. Mas nestas a escolha pode ter sido dos organizadores. Eu, sim.

Na apresentação de *Visão do ser* (p.19), Pedro Lyra fala do "dilema" de ter que selecionar os seus poemas, declarando não ter preferência. E na "Necessária nota" aos *50 Poemas escolhidos pelo autor* (p.9), ele reafirma essa posição, qualificando o dilema de "terrível", por ter que escolher 50 entre mais de 500. E acaba transferindo a tarefa para os leitores, ao informar que escolheu entre aqueles mais citados, em livros, revistas, jornais e na Internet.

Se fosse eu quem tivesse de escolher apenas um de seus sonetos, seria esse. Como fiz, depois de manusear as 4 pastas do poeta, com manuscritos de quase todos os 269 deste grande livro de sonetos de amor, que críticos como a francesa Anne-Marie Quint, na apresentação de *Vision de l´être,* e o baiano Ildásio Tavares, na recensão incluída na fortuna crítica da 1ª edição, insinuam que só têm equivalentes em Petrarca e em Camões. E em Shakespeare, acrescento eu.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio de – **A cada leitor seu texto: Dos livros às redes.** SC, 2009, pp. 154-173- UFSC

BACHELAR**, Gaston. A Poética do Espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BIASI, Pierre Marc. **A crítica genética** In: BERGEZ, Daniel. Métodos críticos para a análise literária. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: Lições Americanas**- Ed. Companhia das Letras, 1990.

CIRILLO, José. **Pela Fresta: memória como matéria no processo de criação de Shirley Paes Leme.** Farol. Vitória: UFES, n.3, ano 3, p. 61-73, 2002

CITELLI, **A. Linguagem e persuasão**. 15ª ed. – SP: Ática, 2000.

COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos**. São Paulo; Perspectiva, 1991

CHAPLIN**,** Letícia da Costa – **De Ausências e Distâncias te construo: A poesia de Caio Fernando Abreu-** Porto Alegre, 2010, Tese de doutorado, UFRGS

FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos – guerras em torno da língua**. São Paulo:

Parábola, 2001.

GALLI ,Fernanda Correa Silveira - **'INTERNET – A linguagem da globalização'**, foi apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filologia e Linguística Portuguesa na F.C.L. - UNESP/Assis – CNPq, em dezembro de 2002.

GRÉSILLON,Almuth, **Elementos de crítica genética**, Porto Alegre, UFRGS, tradução de Cristina de Campos Velho Birk.

HAY, Louis. **Pour une sémiotique du mouvemente**. Gênesis, n. 10, 1996

_____. **A montante da escrita**. Tradução de José Renato Câmara. Papéis Avulsos, Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, n. 33, p. 5 -19, 1999.

_____. **O texto não existe: reflexões sobre crítica genética.** In: ZULAR, Roberto (Org.). **Criação em processo: ensaios sobre crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 29-44.

LÉVY, Pierre - **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999

LÉVY, P. **O que é o virtual?.** Trad. Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____, P. **As tecnologias da inteligência – O futuro do pensamento na era da informática.** Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LYRA, Pedro. **Desafio – Uma poética do amor**. 3ª.ed. Fortaleza/Rio de Janeiro, Ed.UFC/Topbooks, 2002.

_____, P. **IV Antologia de poetas lusófonos** – Folheto Edições e Design, Portugal: Dezembro de 2011

_____, P. **Musa Lusa** – Ed. Limiar: Lisboa, 1988

_____,P. **Visão do Ser – Antologia Poética** - Ed.UFC/Topbooks, 1998

_____,P. **Vision de L'etre – Anthologie poetique**; Edition bilíngue - Ed.UFC/Topbooks, 2000

_____, P. **50 poemas escolhidos pelo autor** :Edições Galo Branco – Rio de Janeiro, 2006

_____, P. **Ideações** – 30 Sonetos Conceptuais Ed.Ibis Libris; Rio de Janeiro. 2012

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez, 2000.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campos, 1990.

_____. **Criatividade e processo de criação**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

PELLANDA, N. M. C., PELLANDA, E. C. (Orgs.). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p.13-20.

RECUERO, Raquel da Cunha - **Redes sociais na internet** – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura) 191 p.

SABBATINI, R. M. E. **Internet, globalização e cultura**, In: Jornal Correio Popular,

Campinas, 09/1996. Disponível em: <http://www.epub.org.br/correio/index.html>.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética – Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo criação artística** – Série Trilhas , EDUC — Editora da PUC-SP, 2008

SALLES , Cecília Almeida (2002)– **Crítica Genética e Semiótica – Uma interface possível** In: ZULAR, Roberto (Org.) **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: CAPES; FAPESB; Iluminuras. p. 177-201.

SALLES, Cecília Almeida. (2009). **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume.

SALLES , Cecília Almeida (2009) - **O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE *NÃO VERÁS PAÍS NENHUM*-REEL** – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 1, a. 5, n. 5.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética: uma (nova) introdução**. São Paulo: Educ, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. (1983). ***O que é Semiótica***. São Paulo: Brasiliense.

SANTAELLA, Lúcia. (2001). **Matrizes da Linguagem e Pensamento**. São Paulo: Iluminuras. (p.32)

SILVA, Márcia Ivana de Lima e – **Crítica Genética na era virtual: o processo continua** (Artigo) - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 4 - n. 2 - 146-154 - jul./dez. 2008

SOARES, Delfim. **A Globalização numa perspectiva sociocibernética**, In: Revista Contracampo, nº1. Mestrado da UFF, jul/dez/1997. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; GOMES, Maria Lúcia Moreira – **Educação e Ciberespaço**. Brasília: Usina das Letras – 2008

SOUZA, C. H. de. **Comunicação, Educação e Novas Tecnologias**. Campos dos Goytacazes, RJ. Editora FAFIC, 2003.

TEIXEIRA, Eleonora Campos. **Cartas Manuscritas e E-m@ils,** janeiro de 2013. Artigo inédito (publicado em Portal Educação em 11 de janeiro de 2013).

_____ , E. **, Crítica Genética: do Manuscrito ao Virtual** setembro de 2012. Artigo inédito (publicado em Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Niterói RJ: ANINTER-SH/ PPGSD-UFF, 06 de Setembro de 2012, ISSN 2316-266X).

_____ , E. **, Da inspiração à escrita – um processo semiótico,** setembro de 2012. Artigo inédito (publicado em Revista Litteris – ISSN: 19837429 n. 10 – setembro 2012 -Linguagens).

VAN DIJK LIMA, Sônia Maria. **Manuscrito: objeto da crítica genética** In: Anais do IX Encontro da ANPOLL, Vol. I. João Pessoa, 1995, pp.137-140 (Artigo de periódico)

WILLEMART, Philippe – **Crítica Genética e Psicanálise** – São Paulo: Perspectiva; Brasília, DF: CAPES, 2005

WILLEMART, Philippe - **A Crítica Genética Hoje** - Alea: Estudos Neolatinos, vol. 10, n..1, enero-junio, 2008, pp. 130-139 Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, Brasil

ZULAR, Roberto (Org.) **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

ANEXOS

Entrevista com a Revista :eBookCult – Livros Digitais

RES: Contato realizado pelo Fale Conosco 1 Ocultar detalhes

DE: eBookCult - Livros Digitais

PARA: 'Eleonora Campos Teixeira'

Segunda-feira, 24 de Setembro de 2012 16:25

Prezada Eleonora, boa tarde!

Primeiramente obrigado por entrar em contato conosco.

Seguem as respostas:

1) Todos os livros disponibilizados nesse site existem também na forma impressa?

Não posso dizer que todo o nosso acervo existe na forma impressa, até porque existe uma grande quantidade de livros gratuitos, de domínio público, onde não sei se realmente ainda existe a obra impressa, mas posso dizer que grande maioria sim. Da mesma forma com os eBooks comerciais, estes sim possuem versões impressas, mas também mesmo assim existem alguma exceções que fogem a regra e não estão mais disponíveis para venda no formato impresso.

2) Qual o critério de seleção para disponibilizar esses e-books

A seleção dos nossos eBooks gratuitos foi através de pesquisas na internet sobre obras de domínio público, conforme inclusive citamos na fonte. Já para os eBooks comerciais, disponibilizamos conforme o lançamento dos distribuidores.

3) Os direitos autorais são liberados pelo autor? Como funciona essa questão?

Todos os direitos autorais de todas as obras são preservados e para os eBooks gratuitos se existir alguma obra onde o autor não está de acordo, ele pode solicitar a exclusão, onde a mesma será feita prontamente. Já para os eBooks Comerciais nós oferecemos um sistema seguro de proteção que garante a compra e entrega do eBook de forma pratica e que respeite e preserve os direitos autorais através de um ID, com usuário e senha, única para o usuário que adquirir a obra.

4) Que tipo de público acessa o site http://www.ebookcult.com.br/ ?

O publico que acessa o nosso site é um internauta mais jovem, com uma maioria pequena do sexo masculino, que está buscando um conteúdo mais técnico além de querer baixar já aquela obra em que este está procurando.

5) Na sua opinião, o livro eletrônico irá substituir o livro impresso?

Não acreditamos em modelo, pensamos que os dois serão opções no futuro e coexistirão simultaneamente, também pensamos que os eBooks ainda vao crescer bastante nos próximos anos, mas não substituirão o livro tradicional. Não é porque a TV surgiu, que o rádio deixou de existir.

6) Você acredita que o público que acessa esse site, faz maior uso do livro impresso ou virtual?

O eBookCult sempre teve como objetivo a divulgação do eBook então o nosso publico faz um uso do livro digital, mas ainda não da pra falar em ou outro e sim um Livro impresso com livro digital.

De forma muito resumida e direta é isso.

Muito grato e à disposição,

EBOOKCULT
LIVROS DIGITAIS

Rafael Macedo Mello I Administrador
@eBookCult - Livros Digitais
facebook.com/eBookCult

Entrevista Ebook-cult – livros digitais
Fonte : Acessado em 24/09/2012

Entrevista com a Revista- Livros On .com

Respostas Questionário (livroson.com) 2 Ocultar detalhes

DE: Administrador Livros On!
PARA: norinhatli@yahoo.com.br

Segunda-feira, 24 de Setembro de 2012 16:48

Olá,

Segue as respostas do questionário:

1) Todos os livros disponibilizados nesse site existem também na forma impressa?
Acredito que 99% sim.

2) Qual o critério de seleção para disponibilizar esses e-books?
Não há uma seleção exata, os autores nos procuram e disponibilizamos.

3) Os direitos autorais são liberados pelo autor? Como funciona essa questão?
Sim. Na maioria das vezes eles mesmos pedem pra disponibilizarmos suas obras. No caso de livros já lançados, disponibilizamos apenas se a editora do mesmo tiver liberado alguns capítulos para demonstração. Todos os direitos dos livros são reservados.

4) Que tipo de público acessa o site livroson.com ?
80% são mulheres.

5) Na sua opinião, o livro eletrônico irá substituir o livro impresso?
Não, nunca. Os dois podem se complementar.

6) Você acredita que o público que acessa esse site, faz maior uso do livro impresso ou virtual?
Dos dois.

Att,

Livros On!
Administrador Livros On!

administrador@livroson.com

Livros On!
Livros Para Ler Online

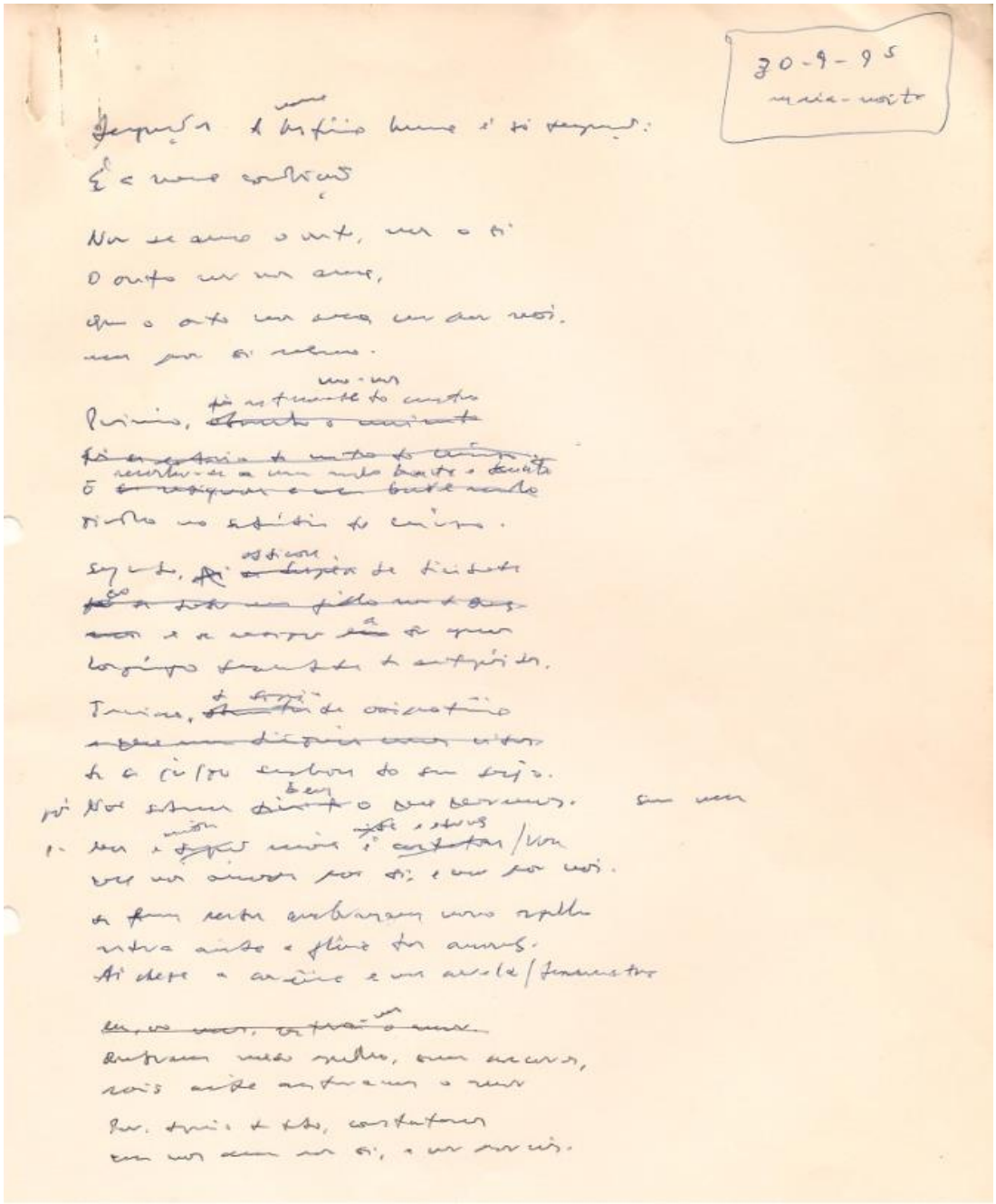
Poupe papel. Antes de imprimir pense se é realmente necessário.

Entrevista Livros On.com
Fonte: Acessado em 24/09/2012

Opinião do escritor Pierre Marc sobre o futuro da Crítica Genética

PIERRE MARC : *A par da genética do texto literário, é de admitir que uma genética das artes, das ciências e das técnicas seja não só legítima, como operacional. Falar-se-á não de «crítica genética», mas antes de «genética». Porquê? Porque este tipo de abordagem não se situa no plano das metodologias criticas, sendo sua finalidade menos interpretar obras do que compreender processos, mediante uma épochè hermenêutica. Tem a singularidade de importar para a cena crítica grandes quantidades de documentos inacabados, índices de uma gênese a reconstituir. Foi graças à informática que a genética nasceu e se desenvolveu, mas o digital impôs-se como médium único da criação contemporânea. Será o fim da genética? Pelo contrário, na era electrónica a genética enfrenta o desafio de se converter numa disciplina transversal: uma ciência dos processos, parceira privilegiada das ciências cognitivas.*

M-1) O 1º manuscrito



1º Manuscrito: Soneto de Constatação VI
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

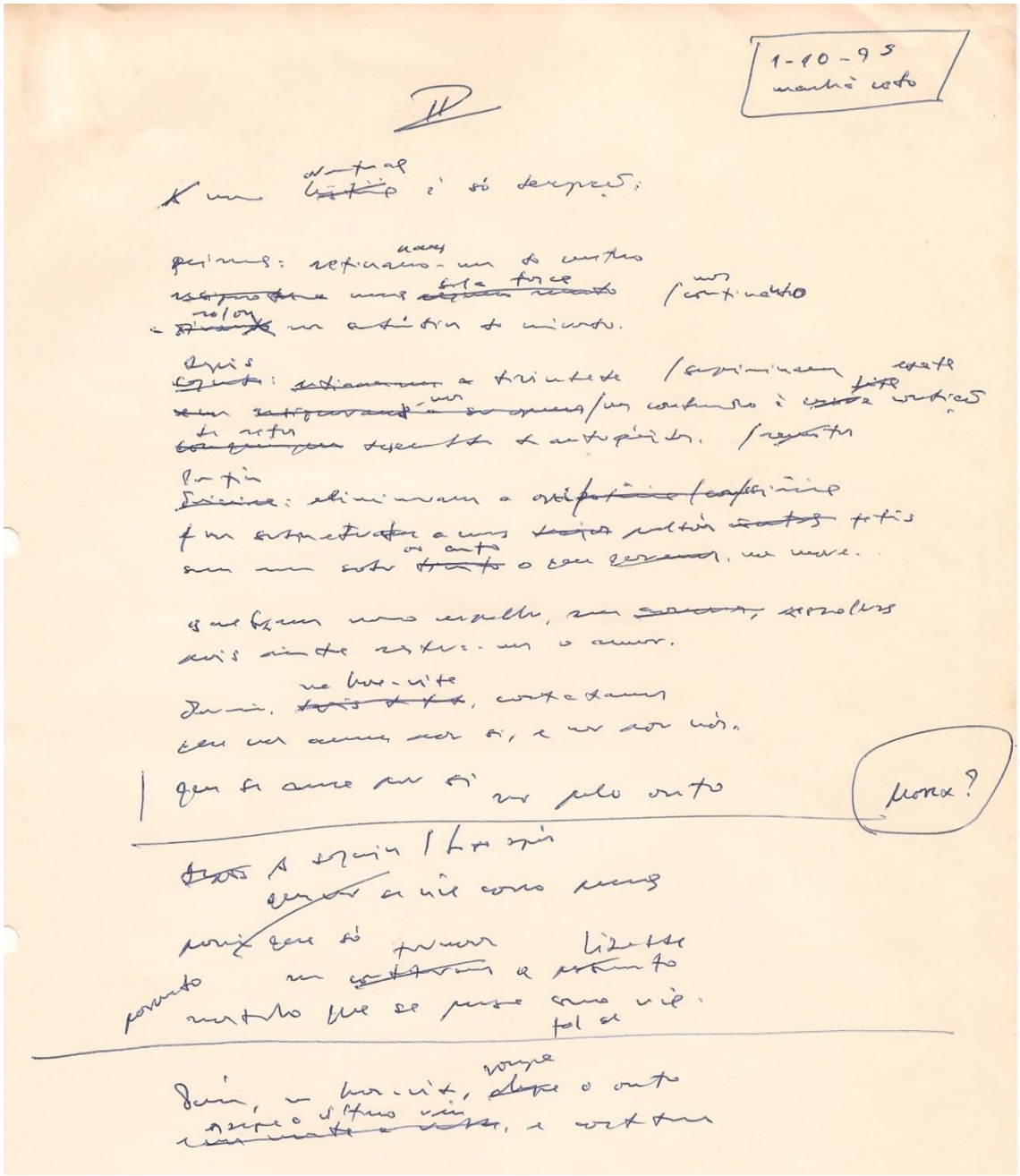
T-1) A transcrição do 1º manuscrito

30-9-95

meia-noite

nossa
Decepções a história humana é só decepção:
É a nossa condição
Não se ama a outro, mas a si
O outro não nos ama,
Que o outro nos ama não por nós,
mas por si mesmo.
am-nos
foi retirar-se do centro
Primeiro, ~~observando o movimento~~
~~foi se extrair do centro do universo~~
recolher-se a um mundo breve e deserto
E ~~se resignar a um breve mundo~~
girando no subúrbio do universo.
abdicar
Segundo, ~~foi~~ ~~se despir~~ da divindade
ao
~~por se saber um filho não de Deus~~
a
~~mas~~ e se resignar ~~em~~ ser apenas
longínquo descendente de antropóides.
se despir
Terceiro, ~~admitir~~ de onipotência
~~e que nem dirigimos nossas vidas~~
de se julgar senhor do seu desejo.
bem
pois Não sabemos ~~direito~~ o que queremos. sem nem
maior ~~ainda~~ e eterna
Mas a ~~decepção~~ maior é ~~constatar~~ / ver
que nos amam por si, e não por nós.
Se nessas perdas quebrassem nosso espelho
restava ainda a glória dos amores.
Aí chega a carência e nos revela / demonstra
~~que, ao menos, restava-nos o amor.~~
Quebramos nosso espelho, sem rancores,
pois ainda restava-nos o amor.
ilegível depois de tudo, constatamos
que nos amam por si, e não por nós.

M-2) O 2º manuscrito



2º Manuscrito: Soneto de Constatação VI
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

T-2) A transcrição do 2º manuscrito

1-10-95

manhã cedo

II
aventura
~~A~~ nossa ~~história~~ é só decepção.
ram
Primeiro, retiramo-nos do centro
bola tosca nos
~~resignados~~ a um/a ~~pequeno mundo~~ confinando
a rolar
~~girando~~ nos subúrbios do universo.

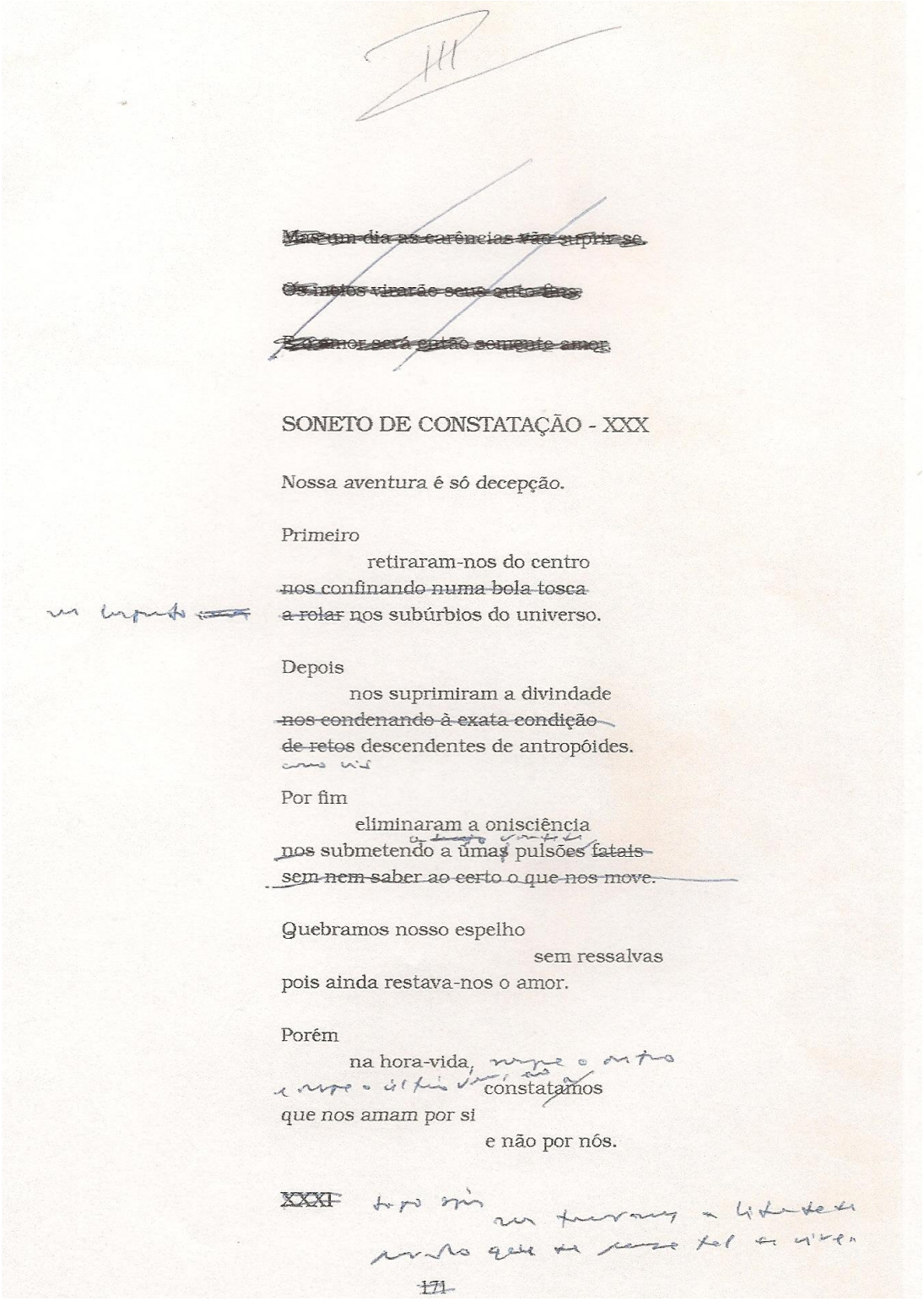
Depois
~~Segundo~~: retiraram a divindade / suprimiram
nos ~~baixa~~ exata
nos ~~resignando a ser apenas~~ / nos condenando à ~~curva~~ condição
de retos
~~longínquos~~ descendentes de antropóides. ~~remotos~~

Por fim
~~Terceiro~~: eliminaram a oni/~~potência / con/~~sciência
nos submetendo a uns ~~desejos~~ pulsões ~~incertos~~ fatais
ao certo
sem nem saber ~~direito~~ o que queremos. nos move.

Quebramos nosso espelho, sem ~~rancores~~, ressalvas
pois ainda restava-nos o amor.

na hora-vida
Porém, ~~depois de tudo~~, constatamos
que nos amam por si, e não por nós.
que se ama por si, não pelo outro.
_____ Marx?
~~Depois~~ A seguir / Logo após
~~que não~~ se vive como pensa
~~porém~~ que só
teremos liberdade
nos ~~contestaram~~ o/a ~~pensamento~~
provando
mostrando que se pensa como vive
tal se
_____
rompe
Porém, na hora-vida, ~~chega~~ o outro
rasga o último véu
e ~~nos mostra a verdade~~, e constatamos

D-1) A 1ª digitação do manuscrito (3ª redação)



~~Mas um dia as carências vão suprir-se.~~

~~Os inetos virarão seus ex-fãs.~~

~~E o amor será então somente amor.~~

SONETO DE CONSTATAÇÃO - XXX

Nossa aventura é só decepção.

Primeiro
retiraram-nos do centro
~~nos confinando numa bola tosca~~
~~a rolar~~ nos subúrbios do universo.

Depois
nos suprimiram a divindade
~~nos condenando à exata condição~~
~~de retos~~ descendentes de antropóides.

Por fim
eliminaram a onisciência
~~nos~~ submetendo a ~~umas~~ pulsões ~~fatais~~
~~sem nem saber ao certo o que nos move.~~

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda restava-nos o amor.

Porém
na hora-vida,
constatamos
que nos amam por si
e não por nós.

~~XXXI~~

~~171~~

Soneto de Constatação XXX
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

D-1b) A 1ª digitação da transcrição do manuscrito, depurada

I I I
Nossa aventura é só decepção.
Primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando ~~a rolar~~ nos subúrbios do universo.
Depois
nos suprimiram a divindade
~~nos condenando à exata condição~~
~~de retos~~ descendentes de antropóides.
como vis
Por fim
eliminaram a onisciência
~~o/a desejo~~ vontade
~~nos~~ submetendo a uma~~s~~ pulsõ~~es~~
Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda restava-nos o amor.
Porém
na hora-vida, rompe o outro
e rasga o último véu, ao constata[r]mos
que nos amam por si
e não por nós.
que se ama por si, não pelo outro.
Logo após
nos tomaram a liberdade
provando que se pensa tal se vive.

D-2) A 2ª digitação do manuscrito

(4ª redação)

SONETO DE CONSTATAÇÃO - XXX

Nossa aventura é só decepção:

Primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando aos subúrbios do universo;

Depois
~~nos suprimiram a~~ divindade
como ~~vis descendentes~~ de antropóides;

Logo após
~~nos tomaram~~ a liberdade
~~provando~~ que se pensa tal se vive;

Por fim
eliminaram a onisciência
submetendo a vontade a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda restava-nos o amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e ~~rasga~~ o último ~~véu~~
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

Soneto de Constatação XXX
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

D-2b) A 2ª digitação da transcrição do manuscrito, depurada

Nossa aventura é só decepção:
primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando aos subúrbios do universo;
depois
negaram a filiação divina
mostrando
provando uma ascendência de antropóides.
logo após
suprimiram a liberdade
~~mostrando~~
~~provando~~ que se pensa tal se vive.
por fim
eliminaram a onisciência
submetendo a vontade a uma pulsão.
Quebramos nosso espelho
sem ~~ressalvas~~ ~~grandes~~ recalques
pois ainda restava-nos o amor.
Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

P-1) A 1ª publicação, in: *Visão do Ser*, 1998

SONETO DE CONSTATAÇÃO — XXIX

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência de antropóides;

logo após
suprimiram a liberdade
provando que se pensa como vive;

no final
sufocaram a consciência
submetendo a vontade a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda restava-nos o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e liquida a ilusão
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

Soneto de Constatação XXIX
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

P-2) A 2ª publicação, in: *Vision de l´être,* 2000

SONETO DE CONSTATAÇÃO – VI

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência de antropóides;

logo após
suprimiram a liberdade
provando que se pensa tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade a uma pulsão.

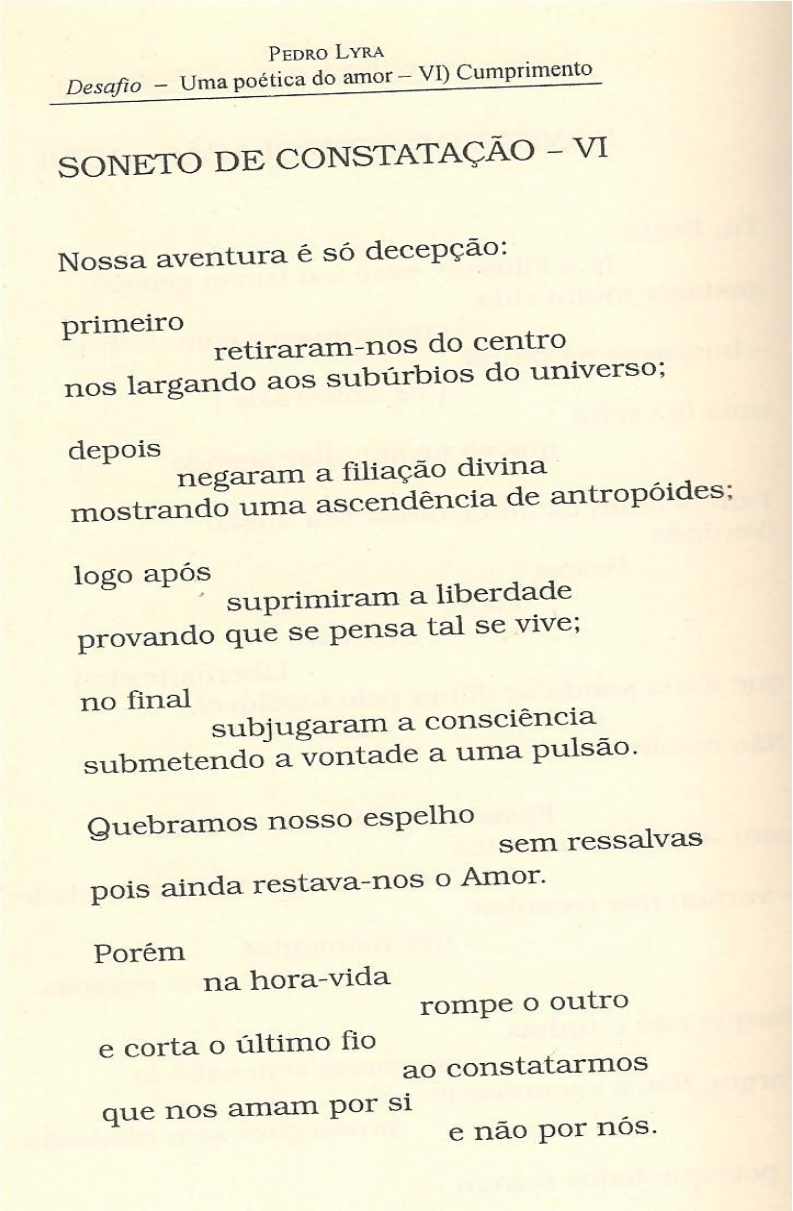
Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda restava-nos o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

(Desafio)

Soneto de Constatação VI
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

P-3) A 3ª publicação, in: *Desafio,* 2ª edição, 2001



PEDRO LYRA
Desafio – Uma poética do amor – VI) Cumprimento

SONETO DE CONSTATAÇÃO – VI

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência de antropóides;

logo após
suprimiram a liberdade
provando que se pensa tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda restava-nos o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

Soneto de Constatação VI
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

P-4) A 4ª publicação, in: *Desafio,* 3ª edição, 2002

PEDRO LYRA
Desafio – Uma poética do amor – VI) Cumprimento

SONETO DE CONSTATAÇÃO – VI

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência de antropóides;

logo após
suprimiram a liberdade
provando que se pensa tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda restava-nos o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

Soneto de Constatação VI
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

P-5) A 5ª publicação, in: *50 Poemas escolhidos pelo autor,* 2006

SONETO DE CONSTATAÇÃO – VI

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência de antropóides;

logo após
suprimiram a liberdade
provando que se pensa tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda restava-nos o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

(Desafio)

Soneto de Constatação VI
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

P-6) A 6ª publicação, in: *IV Antologia de poetas lusófonos,* 2011

SONETO DE CONSTATAÇÃO – VII

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando
aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência
de antropóides;

logo após
suprimiram a liberdade
provando que se pensa
tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade
a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda
restava-nos
o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

PEDRO LYRA

Soneto de Constatação VII
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

P-7a) Originais da 7ª publicação, in: *Ideações – 30 Sonetos conceptuais,* 2012

SONETO DE CONSTATAÇÃO – VII

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando
aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência
de antropóides;

logo após
suprimiram a liberdade
provando que se pensa
tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade
a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda
restava-nos
o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

Soneto de Constatação VII
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 09/2012

P-7) A 7ª publicação, in: *Ideações – 30 Sonetos conceptuais,* 2012

NOSSA AVENTURA

(SONETO DE CONSTATAÇÃO – VII)

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando
aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência
de antropoides;

logo após
golpearam a liberdade
provando que se pensa
tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade
a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda
restava-nos
o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

16

Nossa Aventura
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 02/2013

P-8a) Original da 8ª publicação, in: *Ideações – 30 Sonetos conceptuais*, 2012

NOSSA AVENTURA

(SONETO DE CONSTATAÇÃO – VII)

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando
aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência
de antropoides;

logo após
golpearam a liberdade
provando que se pensa
tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade
a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda
restava-nos
o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam ~~por si~~
~~e não por nós.~~
tão só

16 por amor próprio.

Nossa Aventura
Fonte: material fornecido pelo Poeta Pedro Lyra – 02/2013